

2. Um grupo cultural

Durante os anos de 2006 e 2007, realizei visitas semanais a um grupo cultural chamado Cooperifa²³ (Cooperativa Cultural da Periferia), localizado na zona sul de São Paulo, bairro de Piraporinha ou Jardim Guarujá²⁴. Estive presente nas apresentações e atividades promovidas por aquele grupo em outros locais da cidade e também em eventos em que os seus integrantes participaram ou promoviam. A principal atividade desenvolvida pela Cooperifa é um sarau de poesias realizado no bar²⁵ do Zé Batidão.

Nesta parte do trabalho, faço uma descrição das atividades desenvolvidas pela Cooperifa, os saraus promovidos e as apresentações. Em seguida, penso sobre o bar, local onde ocorre o sarau, como um espaço privado que se publiciza pelo uso, um espaço (re)significado pelos jovens e pelo público ali presente. Problematizo a Cooperifa como um grupo cultural que pode ter significados diversos para cada frequentador do sarau: ponto de encontro, movimento cultural, evento, dentre outros. Exponho uma caracterização dos jovens da Cooperifa a partir do questionário aplicado e, também, falo mais detidamente sobre os jovens entrevistados, seus grupos e os tipos escolhidos.

²³ Com o objetivo de selecionar jovens para este estudo, entrei em contato com uma das assessoras do Programa de Juventude da Ação Educativa, organização não governamental que desenvolve um trabalho de apoio direto a grupos culturais juvenis, principalmente na cidade de São Paulo. Essa assessora sugeriu vários grupos que atuam na cidade, principalmente na zona leste. No entanto, entre os grupos indicados, chamou minha atenção um grupo cultural da zona sul por ela citado, pois, em vários momentos anteriores, tive notícias de um grupo que realizava um sarau na periferia sul de São Paulo. Conheci alguns estudantes que integravam aquele grupo e as atividades que desenvolviam pareciam bastante originais. A proximidade geográfica em relação ao campus universitário da USP também era algo importante. Para mim, como também até para muitos paulistanos, a cidade ainda é muito desconhecida, devido principalmente às dimensões de uma metrópole tão grande. Esta distância espacial influenciou diretamente minha decisão de permanecer “do lado de cá” (na zona oeste) da cidade, mas, ainda assim, bem distante da parte mais periférica.

²⁴ Atualmente, a cidade de São Paulo encontra-se dividida em 31 subprefeituras. O sarau da Cooperifa está localizado no Jardim Guarujá, distrito de Jardim Ângela, pertencente à subprefeitura de M'boi Mirim, que agrega, além do Jardim Ângela, o Jardim São Luiz. Juntos, estes têm cerca de 270 favelas nas quais são residentes 26% da sua população. O IDH do distrito de Jardim Ângela é de 0,402 e, conforme mapa da exclusão e inclusão social, 73% da população residente no Jardim Ângela estão no agrupamento classificado como de alta e altíssima vulnerabilidade social. No ranking dos 96 distritos de São Paulo, o Jardim Ângela é o 1º no que diz respeito à vulnerabilidade.

²⁵ Através do anexo B, tem-se uma idéia da localização geográfica do bar.

2.1 O silêncio é uma prece: o bar do Zé Batidão²⁶

Sáimos de casa às 18:30 e tomamos um ônibus para o Largo de Pinheiros. Lá, pegamos um outro ônibus, este, bi articulado, imenso, com destino ao Jardim Ângela. Perguntei à jovem que estava comigo onde desceríamos. “Iremos descer na Igreja de Piraporinha, depois é só subir uma ladeira e já chegamos lá”, disse ela. Ônibus lotado. Fomos de pé em uma das partes sanfonadas do ônibus. Aproximadamente uma hora de “viagem”. Creio que o percurso demorou mais tempo para mim, pois, a ansiedade deixava o caminho ainda mais longo. Hoje, a viagem parece mais rápida. Desde março de 2006, passei a ir com frequência ao sarau²⁷ da Cooperifa, mas, ainda assim, lembro-me da primeira vez.

Às 20:30, estávamos no bar, no Jardim Guarujá, bairro que integra o distrito de Jardim Ângela²⁸. Para se chegar ao local, saindo da zona oeste, leva-se aproximadamente uma hora e

²⁶ O nome do bar é o apelido do seu proprietário, cujo nome é José Cláudio Rosa, devido às batidas (bebida) que fazia.

²⁷ O termo sarau, de acordo com o *Dicionário da língua portuguesa*, significa: “1. Festa noturna, em casa particular, clube ou teatro. 2. Concerto musical noturno. 3. Festa literária noturna, especialmente em casas particulares.” (FERREIRA, 1986, p. 1553). O *Dicionário etimológico da língua portuguesa* traz igual significado, acrescenta apenas que o termo tem origem no século XVI e vem do galego *serao*. Em dicionários de sociologia, história e literatura, a palavra não aparece. No entanto, encontram-se no *Dicionário de usos do português no Brasil* as seguintes variações para o termo, mostrando como este vem sendo utilizado:

1. Festa noturna, em casa particular, clube ou teatro: descrever as impressões de um sarau de meados do século XVIII na casa da Marquesa de Aloma; as conversas nos saraus me aborreciam.
2. Concerto musical noturno: após o jantar reúnem-se ao redor do piano, mas o sarau é inevitavelmente interrompido [...]; Encontro entre amigos num irresistível clima de sarau suburbano.
3. Festa literária noturna, especialmente em casas particulares: os quatro filhos do juiz cresceram ouvindo saraus de música e poesia; com os sindicatos proibidos, os operários reuniram-se nos seus centros culturais, onde além de conferências, saraus litero-musicais, havia a mobilização para a militância político-grevista.
4. Confusão; sururu: bandidos aproveitam [...] matando gente e roubando no mais horrível sarau. (BORBA, 2002: 1424)

Acredito que as expressões “encontro entre amigos num irresistível clima de sarau suburbano” e “reuniram-se nos seus centros culturais, onde além de conferências, saraus litero-musicais, havia a mobilização para a militância político-grevista”, encontradas nesse dicionário, são as que mais se aproximam do que é, hoje, o sarau da Cooperifa, pois, além dessa mescla de apresentações artísticas (música, poesia, teatro), percebe-se uma movimentação em torno de questões que atingem a comunidade como a violência, a discriminação, o pouco acesso às atividades culturais, a educação, dentre outras. No sarau da Cooperifa, as pessoas são estimuladas a participarem de debates e manifestações diversas. Em alguns panfletos ou *fly's* distribuídos, nota-se também a utilização da expressão “sarau periférico”. Explicita-se, através desta expressão, não apenas o local onde ocorrerá o evento, mas, sobretudo, o tipo de sarau que ocorrerá.

²⁸ O Jardim Ângela, no extremo sul da capital paulista, ficou conhecido nacionalmente no ano 2000, quando foi apontado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o lugar mais violento do mundo. Hoje, de acordo com alguns moradores, e mesmo nas análises feitas pela prefeitura do município, a violência diminuiu consideravelmente.

trinta minutos utilizando transporte coletivo. O bar fica numa esquina, em um cruzamento de duas ruas. Logo em frente, há uma praça com algumas árvores e bancos.

A primeira impressão que se tem ao chegar ao local é de que é um bar como outro qualquer, onde jovens se encontram para beber, namorar, ouvir música etc. Logo na entrada, chamou-me a atenção um cartaz que anuncia “O silêncio é uma prece”. O som do ambiente estava alto, as pessoas conversavam sem parar e havia ainda música. Um cantor, estilo voz e violão, fazendo seu som. Pensei no cartaz e imaginei que talvez fosse uma brincadeira. Quem sabe estaria ali ironizando algumas igrejas que, realmente, prezam pelo silêncio? Deixei de lado a especulação sobre o cartaz e entrei no recinto.

O bar era composto por três ambientes. Logo na entrada, havia um salão com algumas colunas. Ao fundo do salão central havia um espaço onde fica o balcão do bar, freezer's, algumas cadeiras empilhadas, uma televisão (sempre desligada) e máquinas de caça-níquel. No salão central, cercado por grades, duas fileiras de mesas ocupavam quase todo o espaço. Algumas cadeiras também eram colocadas soltas no local e, à frente, havia um espaço vazio com um microfone junto a uma pequena caixa de som que, naquele momento, estava sendo usada pelo cantor que se apresentava. Mais tarde, seria usada pelos poetas. Na lateral esquerda, dois banheiros, cujas portas ficam sempre fechadas. Do lado direito, havia um terceiro ambiente conjugado a este. Um local mais arejado, ao ar livre, com mesas e cadeiras espalhadas de forma aleatória. Todo o ambiente era coberto por telhas de amianto e as grades laterais deixavam entrar todo o vento e sonoridade externa.

No salão central, próximo aos banheiros, ficava à mostra um painel de fotos retratando eventos anteriores ocorridos no bar. À frente, logo atrás do microfone e ao lado do cartaz que pedia silêncio, ficava exposta uma bandeira do Brasil.

O ambiente era muito simples e acolhedor e a forma como se organizava o espaço interno estimulava uma sociabilidade implicitamente desejada. As mesas de plástico, dispostas em fileiras, eram coletivas, permitindo o acolhimento de um público maior, ainda que isto significasse que as pessoas se sentariam ao lado de desconhecidos. Dessa forma, o arranjo das mesas valorizava a interação entre pessoas e grupos diferentes.

Não havia decorações luxuosas. Observei alguns cartazes colados nas paredes trazendo a indicação de alguns eventos, mas, não havia cartazes no salão que trouxessem promoções do bar

ou que indicassem o preço da cerveja, por exemplo, apesar de ser muito consumida no ambiente, assim como a cachaça, o vinho e refrigerantes. O cardápio era modesto, voltado para o gosto popular e especialmente composto pela culinária nordestina. Porções de queijos, torresmos, mandioca e carne seca misturava-se com batata frita e salame italiano. Com pouco recurso financeiro era possível comer e beber e aqueles que não tinham dinheiro algum ficavam por ali sem constrangimentos, ainda que não gastassem nada.

Após alguns meses acompanhando o sarau, houve várias modificações no espaço. O dono do bar fez uma reforma para melhor receber as pessoas que vêm de todas as partes da cidade. Assim, acompanhei algumas mudanças no espaço do bar durante o período da pesquisa.

As telhas de amianto deram lugar a um teto de gesso rebaixado. Algumas paredes sem reboco foram pintadas em tons claros, a área externa, bem como o local em que estavam instalados os banheiros, foram conjugadas ao salão principal tornando-o bem mais amplo. As grades ganharam toldos em plásticos espessos que evitam a entrada do vento e da chuva e as pilastras de madeira foram trocadas por alvenaria. Há também uma porta de vidro separando o salão da área do balcão ao fundo e uma luz de néon azul na parte de cima da parede que faz esta divisão.

O salão principal ficou bem mais amplo, já que houve uma junção deste com a área externa. Agora, cabem mais mesas e cadeiras. À frente, onde antes estavam a bandeira do Brasil e o cartaz com os dizeres “o silêncio é uma prece”, há um painel branco que é usado tanto para bloquear o vento quanto para passar projeções de filmes e documentários. Há, também, uma bandeira com o nome e o símbolo do grupo (ver anexo A). Os banheiros, antes com instalações precárias, foram para o fundo do bar ganhando mais espaço e acomodações mais cuidadosas. Entrando no bar, à esquerda, agora, há uma escada que leva para um terraço que vem sendo reformado para realização de festas e outros eventos. As mudanças feitas no bar eram necessárias para receber um público maior, já que o sarau cresce a cada dia.

O ambiente físico do bar é outro, mas, mesmo com as modificações, manteve-se um espaço aconchegante e acolhedor. A organização das mesas e a localização do “palco” não se alteraram, mantendo uma forma característica da organização do evento.

O bairro em que o bar do Zé Batidão está localizado carece de equipamentos de cultura e lazer, ou seja, de espaços que viabilizem o encontro e que possam de alguma forma servir como

referência na sociabilidade das juventudes ali presentes. Para uma população de 484.966 habitantes, numa área de 61,2 km², na área da subprefeitura de M'boi Mirim, há os seguintes equipamentos e verbas destinadas ao “esporte e lazer”:

Equipamentos de cultura e esporte:

Bibliotecas: 0; Centro cultural: 01; Museu: 0; Teatro: 0; Clubes da cidade:0; Clubes desportivos municipais: 06; Equipamentos especiais (estádio, centro olímpico, autódromos): 0; Total de equipamentos: 07.

Finanças públicas para área de: Lazer: 0,0 %; Cultura: 0,01%²⁹

Tais dados apontam para um descaso do poder público com a região, no entanto, não devemos considerar apenas o ponto de vista quantitativo ou a simples constatação do acesso (ou não acesso) a um bem ou serviço, pois, no espaço de um bar, adultos, crianças, idosos e jovens se encontram e uma série de atividades se dá neste espaço de vivência, atividades estas que podem transformar jovens ali presentes em sujeitos com outra consciência da sua condição racial, juvenil³⁰ e de moradia.

O lugar onde está implantado o bar é cercado de problemas de ordem econômica e social e, ainda que a localização do bar possa ser considerada um ponto privilegiado, se nos afastarmos um pouco dali, para qualquer lado, iremos encontrar situações precárias já que o bar se encontra numa região cercada por favelas.

Logo à frente do bar, há uma praça que se configura como um local de sociabilidade juvenil, pelo menos em dia de sarau. Nos dias em que há o recital no bar, a rua ganha outros significados. Não é apenas um local de passagem, mas sim de encontro e acolhimento. Nesse sentido, a rua, espaço público, não está em rígida oposição ao bar, espaço privado, ao contrário.

2.2 Sarau da Cooperifa: um ritual que *comunga a poesia* e produz sociabilidade

As pessoas chegam mais cedo ao bar, mesmo sabendo que o sarau só inicia às 21 horas. Às 19:30 o bar começa a ficar cheio. As pessoas, em sua maioria, se conhecem e cumprimentam umas às outras, o que não sugere que moram no bairro ou nas proximidades, mas, que têm

²⁹ Essas informações trazem dados de 2004 e encontradas no site da prefeitura: www.prefeitura.sp.gov.br. Acesso em: 20 de nov. de 2006.

³⁰ Martins (2005) busca enfatizar em seu trabalho como jovens constroem suas identidades num espaço tipicamente de pessoas adultas.

assiduidade no sarau. Todas se cumprimentam até mesmo sem se conhecerem. As pessoas bebem, conversam, e a interação é intensa havendo uma relação de amizade entre elas.

Observando a dinâmica do sarau por vários encontros seguidos, foi possível perceber a existência de um ritual que se processa em todas as quartas-feiras. Quando falo do ritual do sarau, não estou me referindo a um rito de caráter sagrado, mas, a uma realização regular e repetitiva, que caracteriza o ato ritualístico. Há, no sarau, um conjunto de práticas consagradas pelo uso e/ou por normas e que se pode observar nos saraus da Cooperifa que ocorrem em outros lugares, no entanto, alguns procedimentos variam no sentido de se adaptar às circunstâncias do local em que é realizado.

Num primeiro momento, há uma acolhida. A maioria dos integrantes do grupo que estão ali desconfiam que seja a sua “primeira vez” no sarau e logo colhem o seu nome para ressaltar a sua presença no local. Essa tarefa é incumbida a um dos “poetas da casa”, que além, de colher o nome dos visitantes, também insere o nome dos poetas numa outra lista, das pessoas que recitarão naquela noite. Não há regras para aqueles que desejam se apresentar. Não é preciso fazer parte de grupos, entidades ou ser um poeta consagrado, basta que se manifeste, já que o microfone é aberto. Esse movimento de anotar o nome dos visitantes, feito por um dos anfitriões do sarau, não serve apenas para que seu nome seja registrado em pequenos blocos de anotações, é também um momento oportuno para saber de onde veio e, de certa forma, o que deseja naquele local.

Antes de iniciar o recital, há sempre o mesmo cantor fazendo o seu som³¹. Algumas pessoas acompanham as músicas cantadas, ainda que algumas delas sejam de autoria do próprio cantor. Quando a música termina, os líderes do grupo vão algumas vezes ao microfone pedir silêncio e anunciam que o sarau se iniciará em poucos minutos. As pessoas se acomodam nas mesas e logo ressoa a voz do mestre cerimônia, Sérgio Vaz, um dos idealizadores da Cooperifa.

Boa noite. Sejam todos bem vindos ao sarau da Cooperifa. Movimento cultural de literatura da periferia para a periferia. Como vocês sabem, na periferia, não tem museu, não tem teatro, não tem cinema, não tem nada. Na periferia, tem boteco. Então, transformamos o bar do Zé Batidão num centro cultural. Xô inveja! Xô mediocridade! Quem tiver vergonha de ser da periferia ainda dá tempo de ir embora. Povo Lindo! Povo inteligente! É tudo nosso, é tudo nosso, é tudo nosso. Uh Cooperifa! Uh Cooperifa!

³¹ O cantor que se apresenta na Cooperifa às quartas-feiras chama-se Wesley Nog, poeta, cantor e compositor musical. Lançou, em 2006, com o apoio da Cooperifa, um cd “single” chamado *Mameluco afro brasileiro*. Wesley se apresenta gratuitamente no sarau.

A platéia aplaude com fervor. Na porta do bar, o poeta encarregado de anotar os nomes das pessoas que se apresentarão passa a lista para o mestre cerimônia. Um a um, os poetas são chamados à frente e, com ou sem microfone, recitam suas poesias animadas, ao final, por aplausos. Apesar de a poesia ser a principal atividade artística desenvolvida por eles, ao microfone, pode-se também cantar, apresentar esquetes teatrais ou fazer performances de dança e percussão. Algumas pessoas aproveitam a palavra que lhes é dada para, entre uma poesia e outra, divulgar algo ou fazer convites para eventos que envolvem a literatura ou a cultura da periferia. Há uma ordem que privilegia os poetas mais antigos do grupo. Estes são os primeiros a ser chamados, pois, também são os primeiros a chegar ao bar.

No sarau, o microfone é aberto e, por isso mesmo, nem todas as poesias expressam a opinião do grupo. Os poetas podem se manifestar sobre política e fatos cotidianos, pois, a Cooperifa deixa claro que todos têm liberdade para se colocar.

Os líderes se revezam para comandar o evento. Anunciam os poetas, incitam aplausos, anunciam a presença de visitantes pelo nome, dão alguns informes que vão desde as apresentações da Cooperifa, de saraus anteriores até campanhas de arrecadação de alimento e chamadas para reuniões e, também, pedem silêncio. Enfim, entendi o cartaz “O silêncio é uma prece”. Durante o sarau, o silêncio é fundamental para que as poesias sejam ouvidas, pois, apesar do microfone, as conversas em excesso se misturam com a voz do poeta. É preciso chamar a atenção do público algumas vezes durante o sarau, principalmente das pessoas que ficam próximas ao balcão. É possível perceber uma divisão muito clara da área do bar. O público que permanece sentado no salão principal, na maioria das vezes, está atento às poesias, aplaudem, vibram com certos versos e fazem brincadeiras com alguns poetas. As pessoas sentadas à área aberta, além de ouvir as poesias, conversam, comem, bebem e se locomovem com uma maior liberdade já que toda a atenção está voltada para o “palco”. As pessoas presentes no fundo do bar estão mais interessadas em pegar uma bebida, pagar a conta e conversar sem estar atentas ao poeta que foi chamado ou ao entendimento da poesia que será recitada. A interferência das conversas durante as recitações é, por vezes, intensa. Os encontros que ocorrem ali e as conversas travadas naquele contexto, muitas vezes, são alheias ao grande acontecimento da noite. Os poetas e as pessoas integradas ao grupo desaprovam com olhares e gestos as interrupções e sons que podem atrapalhar a atuação dos participantes.

Os aplausos servem como termômetro do público que avalia os poetas que se apresentam. Não necessariamente pela qualidade das poesias, também pela performance de cada um. Ora ficam presos ao microfone e ao papel em que está escrita a poesia, ora passeiam pelas mesas fazendo dramatizações com maior desenvoltura.

Durante a noite, cerca de 40 pessoas se apresentam e, quando o bar está muito cheio, cerca de oitenta pessoas se inscrevem para declamar uma poesia. Os líderes pedem aos poetas para serem breves e não fazerem discursos ou mais de uma poesia. Esse pedido é feito sempre em nome do respeito que se deve ter pelo outro e pelo público presente.

Isso ocorre também pelo fato do sarau não poder se estender muito. Em geral, termina às vinte e três horas e, apesar da campanha de fechamento dos bares até as vinte e duas horas³², foi feita uma negociação com os moradores do bairro, que acabaram consentindo a permanência do sarau até as onze da noite. Ainda assim, há algumas reclamações, principalmente de moradores que têm suas garagens bloqueadas por motos ou carros que param no local.

É preciso assinalar que, para algumas pessoas ali presentes, não há grande importância no sarau, mas, na quantidade de pessoas que se aglomera em torno dele. É certo que a poesia ocupa um lugar central no sarau, no entanto, não é somente para ouvi-la que as pessoas se reúnem no bar, como veremos no item a seguir.

No sarau, há alguns “gritos de guerra”, ou palavras de ordem, que, de certa forma, servem para unificar as pessoas, sugerindo que todos ali têm um ideal comum. São frases que a maioria dos espectadores repete em coro antes ou depois das apresentações. Ora o coro é puxado por um dos seus líderes, ora surge da “platéia”, em geral, por poetas mais assíduos, membros antigos. As frases mais comuns são: “Uh Cooperifa”, “Nóis é ponte e atravessa qualquer rio” e “É tudo nosso”. Alguns destes “gritos de guerra” guardam relação direta com a espacialidade do lugar retratando uma identificação com o local. Reforçam, assim, uma valorização da periferia ao mesmo tempo em que pensam uma expansão do território ou a transposição de barreiras tanto físicas, relacionadas ao espaço, quanto simbólicas.

Além de expor os objetivos da Cooperifa, saudar os seus expectadores, enfim, comandar o sarau, Sérgio Vaz faz brincadeiras irônicas comparando o sarau com outros eventos que ocorrem

³² Em campanha, anunciada em novembro de 2005, o então prefeito José Serra sugere o fechamento de bares às 22 horas em bairros da periferia de São Paulo. Na região, a campanha foi lançada pela Subprefeitura de M'Boi Mirim. A intenção era de reduzir a violência em bairros de periferia. Atualmente, a lei municipal 12.879, de 1999, prevê o fechamento à 1h de bares que não têm isolamento acústico, segurança e estacionamento.

no mesmo horário como a novela das oito ou os jogos de futebol. Essas comparações com a programação televisiva que ocorre no mesmo horário em que ocorre o sarau ou mesmo a comparação com o *Programa da Hebe* e o *show* do Latino³³ são uma forma de fazer uma crítica a uma massificação da cultura³⁴ mostrando que a Cooperifa seria uma possibilidade de tirar as pessoas de frente da televisão apresentando-lhes outras opções.

Cada sarau é diferente, no entanto, todos possuem um conjunto de elementos que o caracterizam e, ao mesmo tempo, os distinguem de outros³⁵.

Há dias em que acontece lançamento de livros no sarau, projeção de filmes, gravação de documentários ou programas de televisão. Existem também saraus especiais em datas comemorativas, como no dia da consciência negra. Há também presenças marcantes no sarau que fazem dele único, como a visita do escritor Austregésilo Carrano Bueno³⁶ divulgando o seu livro, a presença do escritor Marcelino Freire³⁷, o deputado estadual Carlos Gianazzi³⁸, dentre outros. Em uma das quartas-feiras, houve, por exemplo, o que os cooperiféricos chamaram de “Poesia no Ar”. Naquele dia o sarau transcorreu normalmente, mas, ao final, todas as pessoas presentes na Cooperifa, integrantes e freqüentadores, poetas ou não, escreveram alguma mensagem e todas elas, juntamente com as poesias e os contos lidos na noite, foram presos a balões de gás. Após o sarau, às onze horas, todos foram para fora do bar e os balões foram soltos. A idéia era que a comunidade pudesse receber em casa um “pedaço” do sarau da Cooperifa. Além de ocupar escolas e diversos espaços públicos, o “sarau no ar” também foi uma estratégia de expansão do grupo e uma forma de manter vivo um dos seus ideais de levar a poesia à população.

Alguns saraus contam com um público maior que o habitual, como na Semana da Arte Moderna da Periferia, descrita no item seguinte, e na entrega do Prêmio Cooperifa, em que cerca

³³ Latino é um cantor pop bastante exposto na mídia e o Programa da Hebe vai ao ar toda segunda-feira pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) que, assim como a Rede Globo, é uma emissora criticada por eles por veicular uma cultura massificada.

³⁴ De acordo com Franco (2005), ficar em casa assistindo televisão é um hábito para 93,5% dos moradores da Grande São Paulo, segundo pesquisa do Centro de Estudos da Metrópole (CEM), do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap).

³⁵ Após o surgimento do sarau da Cooperifa em 2001, outras iniciativas semelhantes vêm aparecendo como o Sarau do Binho, na zona sul de São Paulo, e o Sarau Literário em Taboão da Serra. No entanto, Sérgio Vaz ressalta a diferença entre o sarau da Cooperifa e essas outras iniciativas mostrando que, na Cooperifa, não se fala poesia pela poesia, há todo um trabalho de valorização da periferia, das minorias sociais e dos artistas locais.

³⁶ Escritor do livro *Canto dos malditos*, que, em 2001, deu origem ao filme *Bicho de sete cabeças*. É também integrante do Movimento de luta antimanicomial.

³⁷ Autor de livros no Brasil e no exterior, ganhador do prêmio Jabuti com o livro *Contos negreiros*, teve alguns dos seus contos adaptados para teatro e em especiais na televisão interpretados por atores consagrados.

³⁸ Carlos Gianazzi é colaborador da Cooperifa e freqüentador do sarau.

de 500 pessoas vão até o bar. A entrega do Prêmio Cooperifa é realizada anualmente desde 2005, entrando este ano em sua IV edição. Durante o sarau, além dos poetas da Cooperifa, são premiados aqueles que, de alguma forma, contribuíram com o grupo naquele ano, sejam elas pessoas, entidades, ONGs ou grupos. Dentre eles, estão escritores da periferia e artistas famosos como Rappin Hood³⁹ e Racionais MC⁴⁰. A escolha das pessoas que recebem é feita através de sugestões dadas pelos integrantes do grupo em reuniões anteriores⁴¹.

Fatores como as condições climáticas, o número de poetas presentes, e mesmo outras variações podem causar alterações do sarau, mas, apesar das modificações em cada evento, o sarau mantém sempre a mesma organização. Toda a performance repetida várias vezes dá normas ao sarau e assegura sua constância.

O grupo tem alguns símbolos que o torna único. Além do seu emblema, o grupo também possui um lema: “Nóis é ponte e atravessa qualquer rio”, frase do líder Marco Pezão. O símbolo do grupo está no seu CD (*Compact Disc*), em *flyer's*, além de estampar camisetas, bonés, faixas e demais produções. O grupo também elegeu a “musa da Cooperifa”, uma mulher negra, assídua aos saraus, espécie de anfitriã da Cooperifa nos eventos.

Todos os saraus são gratuitos e ocorrem sem financiamento de nenhuma instituição. Tem apenas o apoio do dono do bar, que, para auxiliar no deslocamento das pessoas até o sarau, coloca à disposição dos frequentadores uma *van* que, saindo de uma das principais avenidas⁴² que

³⁹ Cantor de rap nascido na periferia de São Paulo é um dos principais nomes do hip hop paulistano.

⁴⁰ Racionais MC's é um dos grupos de rap que mais se destaca no Brasil. Formado em 1988 na cidade de São Paulo os Racionais atuam essencialmente na periferia paulistana e apesar de não fazerem uso de grandes mídias têm vários álbuns vendidos em todo país.

⁴¹ Sobre o prêmio Cooperifa de 2007, em que foram homenageadas cerca de 100 pessoas, Sérgio Vaz registra em seu blog: “Pelo terceiro ano consecutivo a Cooperifa promove a entrega do seu prêmio para todos aqueles que direta ou indiretamente ajudam transformar a periferia num lugar melhor para viver. São eles poetas, artistas, projetos, jornalistas, sites, amigos, pessoas da comunidade, líderes comunitários, etc. Gente simples, que passou este ano, lado a lado colado com a gente, gerando energia e levando luz para clarear nossos caminhos. Uma simples homenagem a este povo lindo e inteligente que ainda acredita no: "Só quem vê o invisível realiza o impossível", e procura fazer a diferença. Lógico que a maioria dos premiados são os poetas e escritores, pois esta é a filosofia da Cooperifa: incentivo à leitura e a criação poética. Sabemos que são muitos os guerreiros e guerreiras que lutam pela periferia, e bem mais importantes que nós, mas, por conta do nosso tamanho (R\$), não podemos homenagear a todos como gostaríamos, pelo menos neste ano. O Prêmio promete melhorar. Qual foi o critério para os homenageados? Nenhum, a gente escolheu quem a gente quis. Não cabe recurso nem liminar. Bom, não foi tão simples assim. Numa reunião dos coordenadores foram surgindo os nomes, em forma de votação simples eles foram aprovados ou não. Muita briga rolou, teve unanimidades, voto a voto, recontagem de votos, cusparada, dedo na cara, lavagem de roupa suja, mas no final tudo acabou bem.”

⁴² Trata-se da Estrada de Campo Limpo, na qual circulam várias linhas de ônibus que levam as pessoas para o extremo sul de São Paulo e para algumas cidades da região metropolitana como Itapeverica da Serra e Taboão da Serra.

corta a região sul, leva gratuitamente as pessoas até o bar. Quando há saraus fora, a *van* também é colocada à disposição, neste caso, partindo do próprio bar.

2.2.1 Os freqüentadores: estética e comportamento

No primeiro dia em que estive presente no sarau já foi possível observar algumas regras de conduta mencionadas. No caso do vestuário, o ambiente pouco sofisticado faz com que as pessoas não exijam muito desse quesito. Apesar disso é possível observar em muitas pessoas, principalmente as mulheres, uma produção especial para a noite de quarta-feira.

Na maioria das vezes a indumentária é simples revelando a ausência de ostentação por parte dos participantes. No entanto, muitos fazem questão de exibir um visual que revela a sua identidade étnica, o pertencimento a grupos ou a identificação com algum estilo. Boínas, bonés, toucas e chapéu de couro fazem parte do visual. Além das calças largas, camisetas de bandas, grupos, times de futebol ou de personalidades como Zumbi dos Palmares e Che Guevara. Alguns usam cabelos *black power*, trançados ou com *drads*. Em geral trajam roupas modestas, sandálias rasteiras e saias em estilo hip.

Os tipos de freqüentadores variam muito, desde pessoas da comunidade local a estudantes da USP e outras universidades que sabem da realização do sarau. Há jovens pertencentes a grupos culturais das mais diversas regiões. Adultos, crianças, idosos também podem ser vistos. Participam também, com níveis diferenciados de inserção e expressão, pessoas que não têm ligação com nenhuma agremiação juvenil.

A Cooperifa é composta pelos/as poetas e freqüentadores/as assíduos/as. Escritores/as, atores e atrizes, artistas que se apresentam são tratados/as como convidados/as. No sarau, nem todas as pessoas declamam poesias. Algumas estão ali apenas como espectadoras. Existem assim as pessoas pertencentes ao grupo, participantes do sarau e freqüentadores. Não se fala de um corpo rígido de pessoas, grupos ou entidades participantes já que todas são livres para ir e vir, sendo que o fluxo no sarau é intenso. Até mesmo estrangeiros interessados na cultura local e artistas famosos prestigiam o sarau. Ou seja, há uma rotatividade de pessoas que freqüentam, mas, também há uma permanência. Existem pessoas mais assíduas, outras que têm uma freqüência menor, algumas visitam o sarau por uma única vez em contraste com o/a cooperiférica que raramente falta alguma semana. No entanto, há um corpo de poetas bastante freqüente que ajuda na organização do sarau.

Não basta ir freqüentemente ao sarau da Cooperifa às quartas-feiras para ser considerado um cooperiférico, implica também cumprir determinadas regras de lealdade como, por exemplo, participar de outras atividades promovidas e se inserir nas redes de relações do grupo, o que significa estar presente em vários ambientes, como shows, comemorações e organização de eventos. Assim, participar do sarau e recitar uma poesia ou sempre recitar poesias não significa fazer parte do grupo.

É interessante observar o significado das regras implícitas e explícitas que movem a organização do sarau e que se reflete na conduta das pessoas presentes. Ficar em silêncio no momento das apresentações é uma delas. Para quem freqüenta o sarau há algum tempo, as regras de conduta são claras. Para uma pessoa ser bem quista no sarau, por exemplo, é preciso ter uma “atitude de humildade⁴³” e não ficar “cheio de marra”. Só através da atitude humilde você será considerado um “chegado⁴⁴”. Ser humilde não se refere apenas ao modo de se vestir, mas, também e principalmente, à forma como se interage com as pessoas. Ser humilde é estar aberto/a às relações de troca sem se mostrar superior a outra pessoa. A atitude humilde se expressa, por exemplo, no ato de cumprimentar as pessoas mesmo sem conhecê-las. Essa atitude vem dos próprios cooperiféricos, manifestada através da receptividade e da cordialidade para com os/as freqüentadores/as.

Além da humildade, no sarau, há um sentimento fraternal entre seus membros que atinge também os/as freqüentadores/as. Muitas vezes, a Cooperifa é citada como uma família, sendo que, da atitude humilde, aliada ao sentimento fraternal, derivam relações de solidariedade coletiva, que resulta na realização de atividades como: campanhas de arrecadação de brinquedos, pedido de doações para artistas que tentam gravar um CD, dentre outras iniciativas⁴⁵.

Nos primeiros meses de visita, pude observar várias entidades representadas no sarau, assim como jovens claramente ligados/as a algum outro grupo cultural. Assim, busquei identificar os/as jovens, os grupos dos quais participam e a expressão artístico-cultural a que se referem. Dessa forma, encontrei grupos de rap, dança afro, hip hop⁴⁶, teatro e comunicação e

⁴³ Pereira (2005) mostra que a noção de humildade foi um elemento muito evocado no grupo de jovens pichadores que pesquisou.

⁴⁴ O termo *chegado* é uma expressão de jovens que designa alguém que se aproximou do grupo e por eles foi aceito.

⁴⁵ De acordo com Peçanha (2006) foi possível registrar essa solidariedade através da realização de saraus temáticos como Sarau do Bebê, que arrecadou enxoval infantil para uma das freqüentadoras, Sarau das mães, que homenageou as mulheres, e também através das festas que comemoram o aniversário do grupo.

⁴⁶ O hip hop é um movimento cultural que surgiu na Jamaica na mistura entre a tradição africana do canto falado e a animação dos bailes dos guetos jamaicanos, os "sound systems", e foi levado às comunidades afro-americanas das

mídia. Em conversa inicial com integrantes daqueles grupos, pude constatar que muitos não atuavam em regiões próximas ao sarau, alguns grupos eram advindos de outras regiões e seus integrantes residem em diferentes localidades. Percebi, assim, que os grupos eram muito mais dispersos do que imaginava.

2. 2. 2 Os líderes e o surgimento do grupo

Toda a organização do sarau é planejada pelos seus fundadores com a ajuda de integrantes do grupo. Nos primeiros meses de pesquisa, observei que o sarau era sempre coordenado pelos seus fundadores: Sérgio Vaz (42 anos), Marco Pezão (55 anos) e Márcio Batista (41 anos). Hoje, alguns jovens já ajudam na apresentação de poetas e na animação do público.

A liderança no sarau tem presença marcante principalmente por meio da figura de Sérgio Vaz. Franco (2006), em trabalho intitulado *O Sarau Paulistano na Contemporaneidade: Cooperifa - Zona Sul (1980 – 2006)*, fala sobre a formação histórica da liderança do sarau, foco do seu trabalho. Trata das táticas cotidianas utilizadas pela liderança, quando jovens, para alterar a realidade da periferia. Uma das quais se refere ao deslocamento no espaço da cidade.

O trajeto topográfico que os poetas perfizeram entre zonas privilegiadas de capital cultural e financeiro e áreas carentes de bens materiais localizadas na periferia, exigiu posturas diferenciadas dos líderes frente à convivência com diferentes planos da realidade (FRANCO, 2006, p. 41).

Franco mostra que, pelas imposições urbanísticas, os líderes, moradores da periferia da cidade tiveram que percorrer caminhos para fora de seus locais de moradia, sendo que, durante os deslocamentos, estabeleceram contato com outros padrões culturais. Franco ressalta que os líderes do grupo tinham o costume de “atravessar o rio” - no caso, a ponte do Rio Pinheiros – para “ter acesso à cultura”, o que significava mais do que a transposição física. Tratava-se de romper a barreira simbólica de um mundo de outras classes e outros códigos. Os líderes iam em busca da efervescência cultural existente nas áreas mais privilegiadas da cidade havendo, assim,

regiões Bronx, Queens e Brooklyn de Nova York no início dos anos 1970. O crédito é dado ao DJ Afrika Bambaataa pela criação do termo hip hop para descrever a cultura. Os quatro elementos da cultura hip hop são o MC (Rap), DJ, Grafitti e Breakdance (dança de rua). Alguns ainda consideram o beatboxing como quinto elemento ou ainda adicionam o ativismo político, a moda hip hop e a gíria hip hop como outros elementos marcantes. Assim, ao falar dos grupos de hip hop, estes podem se expressar através de algumas dessas linguagens: dança, música, artes plásticas e poesia.

esse trânsito constante entre realidades diferentes. Suas diversas saídas para outras zonas de convivência cultural promoveram a realização do sarau em sua atualidade.

O “atravessar a ponte” está muito presente na fala dos líderes do grupo e também de alguns poetas. Ao usarem essa expressão, os líderes falam também da grande dificuldade que existe no deslocamento para pólos de cultura localizados em áreas mais capitalizadas e também da existência de dois mundos paralelos, como mostra Guasco (2000), onde o afastamento social traduz-se mais visivelmente em afastamento espacial.

Os líderes do sarau são sempre muito enfáticos ao dizer que a leitura é necessária a todos. Várias vezes, durante as performances do sarau, Sérgio Vaz repetiu: “Leiam, leiam sempre.” Não se pode deixar de lado o empenho dos líderes, com destaque a Sérgio Vaz, que, além de poeta, é referência para jovens. Vários/as dedicam poesias a ele ou recitam poesias dos seus livros⁴⁷, ou fazem homenagem ao poeta.

Na maioria das vezes em que o grupo aparece na mídia, Sérgio Vaz é porta-voz do grupo. É ele quem planeja as ações sociais mais estratégicas e duráveis do grupo. São os líderes do grupo que propõem e organizam todas as outras atividades além do sarau no bar do Zé Batidão, mas, apesar da existência desses líderes, ou seja, de uma centralidade em alguns poetas, jovens têm participação nas decisões do grupo. Há uma centralidade, mas, com permeabilidade.

Apesar de haver essa centralidade no poeta Sérgio Vaz, que, inclusive mantém uma comunidade no orkut⁴⁸ sobre a Cooperifa, Márcio Batista e Marco Pezão integraram também o grupo desde sua formação.

O sarau no bar do Zé Batidão, principal atividade da Cooperifa, surgiu⁴⁹ com doze pessoas em Taboão da Serra. Segundo relato dos seus membros mais antigos, o primeiro sarau ocorreu numa fábrica abandonada em 2001, depois, passou a ser num bar ainda na cidade de Taboão, transferindo-se, em 2003, para o bar do Zé Batidão, pois o antigo bar havia sido vendido.

A mudança do sarau para o bar do Zé Batidão, na zona Sul de São Paulo, não foi apenas uma mudança de espaço físico, também houve uma mudança nas próprias características do

⁴⁷ Sérgio Vaz é autor de cinco livros da sua autoria. São eles: *Subindo a ladeira mora a morte*, *A margem do vento*, *Pensamentos vadios*, *A poesia dos deuses inferiores* e *Colecionador de pedras* este foi lançado, em 2007, pela editora Global.

⁴⁸ O orkut é um site de relacionamento cujo principal objetivo, de acordo com a definição do próprio site é “tornar a sua vida social, e dos seus amigos, mais ativa e estimulante”. As comunidades no *Orkut* são grupos de discussão em que as pessoas aderem por afinidade a certo tema, nas quais se pode postar conteúdos diversos e divulgar eventos.

⁴⁹ Sobre o surgimento do sarau da cooperifa ver Franco (2006), que faz um descrição detalhada do contexto histórico do seu surgimento.

grupo, que, como comenta Peçanha (2006), deixou de ser uma iniciativa de artistas do município de Taboão da Serra assumindo um papel de ação coletiva de moradores de periferias urbanas de São Paulo.

Do mesmo modo que o sarau funciona no sentido de dar visibilidade a artistas de periferia, também caminha na direção de preenchimento de lacunas ligadas à produção e ao consumo de bens culturais, reagindo, assim, à negligência estatal em relação às questões sociais como a desigualdade na concentração de renda e a má distribuição de equipamentos públicos. Por um lado, a Cooperifa traz reconhecimento⁵⁰ para artistas, por outro, acaba suprindo, de alguma forma, as necessidades das comunidades, sendo que estes dois fatores colaboram para o aumento da auto-estima e a valorização das identidades locais. Durante os seis anos de existência, o sarau da Cooperifa tornou-se uma nova forma de lazer na periferia paulistana e vem se expandindo cada vez mais através dos meios de comunicação e por meio das parcerias estabelecidas principalmente com o Itaú Cultural⁵¹ e com ONGs como a Ação Educativa.

2.3 As ações do grupo e a expansão para além da periferia

O ritual do sarau se inicia desde a chegada das pessoas até o fechamento do bar. Mas, a Cooperifa não acaba ali. Esta é a principal atividade do grupo e há outras. O sarau da Cooperifa foi ultrapassando as dimensões do bar do Zé Batidão, no Jardim Guarujá. Vários outros saraus ocorreram nos dois anos desta pesquisa. Apesar de os saraus às quartas-feiras serem o “carro-chefe” do grupo, este desenvolve seus trabalhos para além da região sul de São Paulo, estendendo suas atividades a outras regiões periféricas, a região central e até mesmo a municípios vizinhos. Outros recitais foram realizados em diversos locais da cidade, como é possível observar pelo quadro abaixo.

Local das Apresentações – 2006	Região
Pinacoteca do Estado – atividade que integrou a programação da Virada Cultural (evento anual promovido pela Prefeitura de São Paulo desde	

⁵⁰ A valorização dos artistas vem acompanhada da consciência de que se é do lugar. Os seus líderes fazem questão de ressaltar que aquele não é um espaço para artistas vaidosos descomprometidos com os problemas que atinge a periferia ou as classes menos favorecidas, dizendo frase como “Xô vaidade” ou “Xô mediocridade”.

⁵¹ O Itaú Cultural é um instituto privado, voltado à pesquisa e produção de conteúdo, ao mapeamento, fomento e estímulo à produção e difusão de manifestações artísticas em diferentes áreas de expressão. Tornou-se um centro de referência cultural, pois, há mais de 20 anos promove e divulga a produção artístico-intelectual brasileira.

2005).	
Itaú Cultural - evento que fez parte do lançamento do CD do grupo e Projeto Ruas	Centro da capital
Casa das Rosas (Centro Cultural Estadual)	
Sesc Consolação	
Ação Educativa(ONG)	
Show em Heliópolis	Zona Sul da capital
Casa de Cultura M'boi Mirim	
Escola (Evento "Favela Toma Conta".	Zona Leste da capital
Biblioteca Municipal Alceu Amoroso Lima	Zona Oeste da capital
PUC – SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)	
Universidade de São Paulo	
Centro Cultural de Suzano	Região Metropolitana
Câmara Municipal de Taboão da Serra	
Escolas Municipais	
Acampamento Chico Mendes	
Espaço Cultural CPFL	Campinas (interior)
Três Pontas – Minas Gerais	Interior/Outros Estados

As apresentações naqueles espaços se assemelham aos saraus de quarta-feira, havendo apenas algumas adaptações ao espaço, ao público e às circunstâncias. Nem todas as pessoas participam do sarau acompanham o grupo em apresentações fora. A escolha das pessoas se dá levando em conta o envolvimento dos poetas e fazer parte da Cooperifa, ser um membro, é algo ainda pouco definido. Em alguns eventos em que o grupo recebe cachê para se apresentar, decide-se em conjunto a destinação do dinheiro. A verba tanto pode ser investida em camisetas, produções do grupo ou cursos para os seus membros como oficinas de poesia e expressão.

Uma das idéias do líder Sérgio Vaz é montar um espetáculo do grupo, ou seja, um sarau ensaiado, com número fixo de poetas e poesias a serem recitadas. Montar um *show* ou, como diz Sérgio Vaz, uma “caravana” da Cooperifa, seria uma forma de fortalecer o grupo. Segundo Vaz, já existem pessoas que se apresentam na cidade dizendo ser da Cooperifa. A intenção do poeta não é fazer com que a Cooperifa se torne uma empresa, mas, fazer com que o espetáculo do grupo seja feito de uma forma mais organizada, com responsabilidades partilhadas sistematicamente.

Além de promover saraus em outros espaços públicos, a Cooperifa também realiza debates, sessões de cinema, exposição de fotografias, apóia músicos ou grupos musicais. Vários integrantes do grupo ministram palestras em escolas, faculdades e outros espaços públicos.

Durante o sarau da Cooperifa, há o lançamento e a divulgação dos livros produzidos por artistas da periferia. A esse respeito, vale ressaltar que alguns dos jovens que freqüentam o sarau criaram um selo/editora, que havia publicado 10 livros, sendo que nove foram lançados no sarau da Cooperifa. Durante todo o sarau, estimula-se a leitura, a escrita e a produção poética. Os artistas, que já escrevem e têm o hábito da leitura, têm incentivo para escrever e ler cada vez mais. Resultado desse estímulo foi que muitas pessoas passassem a ter uma proximidade com a literatura e até mesmo voltaram a estudar após se integrarem ao grupo, mesmo que não pretendessem se tornar poetas.

A todos, é passada a mensagem de que a poesia e a literatura de “boa qualidade” também é produzida “do lado de cá” da ponte, desmitificando a idéia de que apenas a classe média ou alta, ou os que tiverem muitos anos de escolarização, são produtores de cultura. A própria Cooperifa lançou, em 2004, com o apoio do Itaú Cultural⁵², o livro *Rastilho de pólvora*, composto por 61 poemas dos integrantes da Cooperifa. Em 2006, o sarau da Cooperifa também foi registrado em áudio, novamente com o apoio daquele instituto. No CD, tem-se o registro de 26 poesias e, assim como no caso do livro, a freqüência aos saraus foi o critério para a escolha dos poetas que participariam do CD⁵³, valorizando aqueles que têm assiduidade e compromisso como grupo. O grupo começou a capturar imagens para a gravação de um DVD para divulgar ainda mais o seu trabalho. Neste caso, não é apenas o grupo que veio sendo valorizado, mas, também cada poeta em particular, pois, ter a sua poesia registrada de alguma forma é algo de grande importância para cada integrante.

Outra atividade destacada do grupo é o projeto chamado “Sarau nas escolas”, realizado desde abril de 2007. O grupo sai do bar, geralmente às terças-feiras à noite, para atuar em uma comunidade, investindo no trabalho de incentivo à leitura e à escrita por meio da poesia⁵⁴.

⁵² A parceria entre Cooperifa e Itaú Cultural, proporcionada por meio da Lei Rouanet, é tratada por Franco (2006).

⁵³ Tanto no caso do livro quanto no caso do CD, o cachê dos autores foi uma cota do material produzido. Assim, cada poeta ficava com os lucros da venda da sua parte.

⁵⁴ O sarau nas escolas, inicialmente pensado para ocorrer em escolas no município de Taboão da Serra, geralmente beneficia os alunos da educação de jovens e adultos (EJA), que estudam à noite.

Ocorre também deslocamentos do sarau para entidades não governamentais e a presença destas no sarau que apresentam algumas vezes o resultado do seu trabalho como, por exemplo, o grupo Becos e Vielhas, que sempre exhibe filmes ou documentários no sarau.

No ano de 2007, uma iniciativa da Cooperifa que contou com a participação e ajuda de outros grupos foi a Semana da Arte Moderna da Periferia⁵⁵. Sérgio Vaz lançou a idéia, em março, em um dos saraus no bar do Zé Batidão. Nas palavras do líder: “Nos cobram noventa reais para ir ao teatro. Nos cobram não, impedem que a gente vá! [...] além disso, querem nos encher de cultura européia.” Ao contrário disso, a idéia da semana foi ao encontro de uma valorização da cultura e dos artistas da periferia, mostrando que também produzem literatura, música, dança e teatro. Também deu oportunidade de contato com diversas expressões artísticas aos moradores da periferia.

Após a idéia ter sido divulgada, a Cooperifa distribuiu, nos saraus seguintes, apostilas contendo um estudo sobre a Semana da Arte Moderna. A idéia era que as pessoas se inteirassem sobre o que foi a Semana em 1922 para, a partir daí, criarem a Semana de Arte Moderna da Periferia. As pessoas envolvidas na organização da Semana fizeram várias reuniões até montar a programação completa do evento,⁵⁶ composta por debates, palestras, oficinas, mostra de vídeo, exibição de documentários, exposições de artes plásticas, apresentações de música, teatro, dança e literatura.

A Semana não teve ampla divulgação na mídia, mas, foi noticiada em vários sites na internet⁵⁷ bem como nos *blog's*⁵⁸ mantidos por integrantes do grupo ou mantidos por grupos culturais. Além disso, contou com o patrocínio da ONG Ação Educativa, do Itaú Cultural, dentre outros parceiros.

2.3.1 As poesias

⁵⁵ A semana ocorreu do dia 4 a 10 de novembro de 2007.

⁵⁶ Ver programação completa do evento no anexo C.

⁵⁷ Algumas páginas na internet que noticiaram a semana foram: site do jornal O Estado de São Paulo, o provedor UOL (através da Revista Raiz e a página do Aprendiz), o site da Fundação do Banco do Brasil, sites de rap, de partidos políticos e páginas pessoais de políticos, de apoiadores do evento como a ONG Ação Educativa, dentre outros.

⁵⁸ Um blog é um registro cronológico e frequentemente atualizado de opiniões, fatos, imagens ou qualquer outro tipo de conteúdo que o seu autor queira disponibilizar. Algumas vezes ouve-se a expressão “diário virtual” para descrevê-lo. Este se diferencia de uma página pessoal, pois dispõe de ferramentas de edição que permitem a qualquer “leigo” colocar e atualizar algum conteúdo on line. As atualizações de um blog em geral são feitas com muita frequência, pois, um blog que não é atualizado perde a sua essência. Já numa página pessoal isso não acontece.

Os temas das poesias recitadas variam muito. Desde poesias de amor, desejo, poesias que expressam a revolta, a violência, os preconceitos até as crônicas bem humoradas e divertidas. As poesias expressam os sentimentos dos poetas, seus problemas, anseios, medos e expectativas. Os temas relacionados ao amor, ao erotismo, à volúpia, ao nacionalismo e ao humor, ainda que recorrentes, cedem lugar a outros, pois, o foco de atenção dos poetas e os assuntos mais abordados giram em torno de questões como a pobreza, a desigualdade social, racismo, o desemprego, sua região de origem, a mulher na periferia, os meninos de rua, a falta segurança, questões ambientais e demais problemas do cotidiano brasileiro. Por mais que os temas variem, a predominância poética do sarau está voltada para o cotidiano dos pobres, moradores de periferia. Até mesmo nas poesias que abordam o tema do amor, o envolvimento afetivo é relacionado com as condições precárias em que se vive, como no trecho da poesia abaixo:

Valeu por unirmos os dois corações
 Valeu por quebrarmos as correntes e os grilhões
 A opressão prende o corpo, jamais amores juntos
 Valeu por deixarmos os putos, PUTOS
 Valeu a pele preta, valeu mesmo pelamor
 Valeu por transformá as noites sem luz em fulgor

(grifo do autor)⁵⁹

O tema da identidade também é um tema freqüente no grupo. Esta é uma observação extremamente importante porque os/as jovens mostram certo conhecimento sobre sua origem étnico-racial, sobre os heróis negros, desmitificando muitas vezes, através das suas poesias, “fatos” da história oficial. Algumas pessoas utilizam instrumentos de percussão para se apresentar, outras recitam poemas como “Navio negreiro”, de Castro Alves. Apesar de reconhecerem a existência de discriminação e desigualdades raciais, proferem um discurso afirmativo sobre o seu pertencimento, mostrando-se atentos à “questão da negritude”. Nota-se que os/as jovens têm percepção do preconceito racial e consciência que negros/as ocupam posições subalternas nas esferas do trabalho, educação, entretenimento, dentre outras e que também sofrem discriminações no âmbito institucional⁶⁰ e interpessoal. Assim, as implicações

⁵⁹ Poesia de um/a dos/as jovens entrevistados/as retirada do livro Punga, publicado em 2007 (Edições Toró.)

⁶⁰ Genevilda Santos (2005), trazendo dados da pesquisa nacional *Discriminação racial e preconceito de cor no Brasil*, realizada pela Fundação Perseu Abramo, mostra que é crescente a percepção da discriminação racial nas relações interpessoais e que esta tendência também pode ser averiguada quando se trata das instituições sociais.

étnicas e raciais na vida dos/as jovens a que pretendi entrevistar é algo que merece ser levado em conta.

Enegrecer, ser, tornar-se negro, falo sério,
São diferentes das denominações do Aurélio.
Pois nascer negro é consequência em qualquer hemisfério
Agora ser é consciência e um dos primeiros critérios⁶¹

O grupo possibilita a jovens uma postura mais positiva diante da vida e de si mesmos/as. Juntamente com outras redes de relações das quais os/as jovens fazem parte, a possibilidade de participar e conviver dentro daquele grupo cultural, que expressa a presença de jovens, negros, pobres, da periferia, interfere de maneira positiva na afirmação da identidade dessas pessoas levando-os/as a representarem o seu local de moradia de maneira também positiva.

Há uma grande valorização em relação ao fato de pertencerem à periferia. Em vários momentos, são ditas frases como: “Não vamos mudar *da* periferia, vamos mudar *a* periferia”, “É tudo nosso!”. Esse reconhecimento também se observa nas poesias:

[...] sou mais comunidade, humildade vida cantada.
Vida cantada, aqui, realidade,
É de verdade, humildade não tem disfarce,
Não tem dublê, se liga aí, sou mais, sou mais.
Eu boto fé nos irmãos...⁶²

Em todo o ritual, inclusive nas poesias, é passada uma imagem positiva da periferia. A palavra é pronunciada pelos agentes sociais com um sentido de auto-afirmação, sendo que o termo está até mesmo no nome do grupo: Cooperifa.

Algumas poesias tomam todo o ambiente. Alguns poetas seguem recitando por entre as mesas do bar, outros fazem performances teatrais. Cada um ao seu modo, de forma enfática ou mais calma, lança seus versos. A maioria destes, voltada para problemáticas que afligem as comunidades em seu cotidiano. São poesias que trazem percepções decorrentes da falta de dinheiro e de ações públicas e, conseqüentemente, da pobreza. Os versos perpassam o cotidiano e, datas marcantes ou acontecimentos ocorridos naquele dia, ou naquela semana, são sempre mencionados. Grande parte das poesias recitadas é de autoria dos próprios poetas, mas, também

Mostra que a idéia de “racismo institucional” é recente no Brasil. Esta surgiu com o movimento negro denunciando as desigualdades sociais em instituições diversas.

⁶¹ Poesia recitada em um dos saraus por um/a dos/as jovens entrevistados/as.

⁶² Trecho da poesia *A vida é cantada*, retirada do CD da Cooperifa de autoria de um/a dos/as jovens entrevistado/as.

são recitados escritos de algum outro membro do grupo, poetas negros e/ou autores já consagrados como: Solano Trindade, Marcelino Freire, Elisa Lucinda, Castro Alves, Manuel de Barros, dentre outros. Além de escritores, misturam-se também vários gêneros textuais como contos, crônicas, até cordéis, “causos” anedóticos e rap’s.

No sarau, falavam pessoas que nunca fizeram uma poesia e outras que se dedicam à produção poética, com princípios advindos do seu cotidiano. Há também, entre os seus integrantes mais assíduos, um diálogo através das poesias, de forma que, na seqüência, de uma sarau a outro, alguns poetas produzem respostas à uma poesia recitada ou mesmo levam um complemento a esta.

Apesar de admitir a importância a ser dada a produção escrita do grupo, não me deterei na análise das poesias recitadas no sarau. A produção literária da Cooperifa, bem como a poesia enquanto mecanismo útil de informação e de transformação social no contexto da periferia foi adequadamente tratada por Franco (2006), para quem as poesias serviam como estratégias para a alteração da realidade, devido à crítica social inerentes aos textos poéticos produzidos.

2. 4 Os novos sentidos do espaço: a sociabilidade na rua e no bar

Atualmente, uma nova ordem social estrutura o espaço urbano modificando os modos de ser, de habitar e de se relacionar com a cidade. Neste momento, predomina a noção de desterritorialização, que vem designar uma situação em que há uma dissociação da atividade econômica, da cultural e do território. O fenômeno da globalização, caracterizado por esta desterritorialização, intensificação dos fluxos de informação, mercadorias e pessoas, é também uma grande fragmentação dos espaços da cidade, que começam a ser concebidas sob novas modalidades de estruturação. Assim, o tempo real ou instantâneo e a localização no espaço são vistos como tema secundário, pois, as atividades culturais e econômicas passam a se organizar de acordo uma nova lógica baseada nas redes, fluxos e interconexões. De acordo com Castells (1994), "o acesso a esses fluxos torna-se vital para o desenvolvimento das economias nacionais", de modo que, para este autor, não fazer parte destas redes de fluxos implica a não existência na economia global. Dessa forma, as redes sociais nunca atuam isoladamente, pois, as sociedades operam através de trocas e relações de força que estabelecem domínios, fazendo com que os atores locais sejam sufocados pelas organizações mundiais (CARRANO, 2003).

Juntamente com essa fragmentação do espaço urbano, vêm crescendo, cada vez mais, os bairros periféricos onde predominam a precariedade dos serviços públicos básicos, a falta de equipamentos sociais e espaços de lazer e onde o distanciamento cultural e político marginaliza os cidadãos que ali habitam, afastando-os das possibilidades de participação na totalidade da cidade, legalmente para os grupos sociais mais favorecidos

Ao situar a cidade no contexto da globalização, verifica-se que, mais do que nunca, os habitantes da cidade (em especial, os/as jovens) se sentem parte das promoções do mercado mundial relacionadas ao consumo e se encontram conectados/as numa mesma rede de acontecimentos, através, por exemplo, da internet. No entanto, todas estas oportunidades de conhecimento e "inclusão" não ampliam os limites dentro dos quais aqueles /as estes jovens se movem. Existe um grande número de pessoas que desenvolvem suas atividades num espaço bastante reduzido, sendo que, muitas vezes, o seu trajeto se limita ao caminho percorrido da casa à escola, da escola ao trabalho, do trabalho para a casa, sem grandes variações. Dessa forma, as pessoas podem participar de atividades sociais sem transcender as fronteiras do seu território mais imediato (PACIELLO, 2003), o que contribui para uma visão parcializada e fragmentada da cidade. Assim, ao mesmo tempo que a cidade global pode ser integradora das diferenças, também pode resultar numa determinada forma de aprisionamento, principalmente para os setores mais marginalizados da população.

Esse processo de dilaceração, de fragmentação da cidade reflete-se no plano da subjetividade dos indivíduos (PAULA, 2002). Assim, a cidade pode ser percebida como um espaço de mal-estar e de impossibilidade da convivência⁶³. As pessoas começam a evitar uma participação mais ativa na vida social, pois, o espaço público começa a ser, para muitos, um local a ser evitado.

Um dos desafios que se coloca para a cidade é a democratização da esfera pública fazendo com que uma nova dinâmica social venha a incluir a todos, o que não tem acontecido nas cidades embaladas pelo capitalismo excludente. É no curso do desenvolvimento desse tipo de relação que vem ocorrendo o “declínio da cultura pública”, devido ao não investimento na cidade como espaço da interlocução social e ao abandono do espaço público como local de realização da cidadania por definição. O desconhecimento do próprio espaço da cidade faz com que as pessoas

⁶³ A este respeito é importante destacar o trabalho de Georg Simmel que fala sobre a vida mental metropolitana, em torno do que chama de atitude *blasé* do típico habitante da cidade moderna. Ele argumenta que a metrópole cria certas condições psicológicas geradas, por exemplo, pela brevidade dos contatos e excesso de estímulos.

se recolham no ambiente doméstico e passem a buscar uma socialização em ambientes mais restritos. Isso faz com que, aos poucos, venham sendo diminuídas as chances de sociabilidade entre os cidadãos. Enquanto o espaço privado vem sendo celebrado, a esfera pública vem sendo privatizada de acordo com a lógica das classes dominantes.

No caso do Bar do Zé Batidão, foi ocorrendo o oposto. O bar é um espaço originalmente privado, mas, foi sendo publicizado através dos usos que os atores sociais fazem dele. Carrano (2002) aponta alguns espaços que nomeia de “espaços híbridos”, que estão entre o público e o privado. A forma como este bar passou a ser utilizado pelo público presente nos saraus transformou-o num local especial de encontro e de sociabilidade entre grupos e culturas diferentes, aberto a um público diversificado. Santos (1981) nos diz que:

As manifestações sócio-culturais características de um grupo e que servem para distingui-lo, em relação a quem é de fora e para os seus próprios membros, sempre estarão referidas a conceitos de “abertura” de espaços. Irão se dar em locais públicos ou naqueles que, por força de um uso especial, passarão a ser vistos “como se fossem públicos”. Jogos, reuniões, festas, encontros, cerimônias e atividades assemelhadas que se oponham às idéias de privacidade e de intimidade, encontram na rua o seu lugar ideal. (SANTOS, 1998, p.13)

Durante o sarau, as caracterizações que distinguem o público e o privado se confundem. O público e o privado não poderia ser tomado como par de opostos. O bar tem seu caráter privado, que contrasta com as formas pelas quais é circunstancialmente utilizado. O caráter público ou privado pode se dar pelo estatuto jurídico da propriedade ou pelo sentido das atividades que uma organização realiza. Os estabelecimentos comerciais, que vendem bens ou serviços, embora estejam abertos de modo geral à frequência e circulação de qualquer pessoa, serão privados devido àqueles dois aspectos. O bar do Zé Batidão é privado com base no primeiro e foi-se tornando “mais público” devido ao segundo, ainda que tenha sido constante seu caráter de estabelecimento comercial aberto a qualquer pessoa.

A distância entre o bar, um espaço privado, e a rua, um espaço público, é cada vez mais atenuada, assim, vai perdendo sentido a clássica dicotomia público/privado lembrada por Bobbio (1999, p. 14) já que “a diferenciação entre aquilo que pertence ao grupo enquanto tal, à coletividade, e aquilo que pertence aos membros singulares” se enfraquece. O sarau diminui a distância entre estes dois pólos, que assumem, assim, outro aspecto, criado a partir dos modos de apropriação do espaço. Se, como mostra Damatta, a casa, espaço privado, distingue-se pela calma, hospitalidade e calor humano e a rua é um espaço definido pelo inverso (DAMATTA

1985, p. 48) , Na Cooperifa, alguns aspectos como a hospitalidade, fazem-na um espaço privado, mas, outros aspectos lhe atribuem caráter público. Não é o dono do bar quem faz o controle daquele ambiente, são as pessoas presentes. Estas têm liberdade para ir e vir quando quiserem, sem ser abordadas ou coagidas por isso.

Até mesmo os/as jovens, quando perguntados/as sobre os equipamentos públicos existentes em sua região, citam a Cooperifa e o bar do Zé Batidão como espaço público.

[Quais os equipamentos públicos existentes no seu bairro] Pra mim só a Casa de Cultura de M'boi Mirim e a Cooperifa. Só esses dois pra mim que o público mesmo, que realmente o público tem acesso livre: Cooperifa e Casa de Cultura de M'boi Mirim. (Carlos – L)

Nos dias de quarta-feira, o bar não se configura como um lugar onde as pessoas vão apenas para beber e conversar, há uma mudança da utilização clássica do bar. Embora haja uma fluidez e uma rotatividade de usuários e de usos, o bar do Zé Batidão é um espaço significativo na construção de uma malha de relações que compõem os percursos juvenis. Assim, para muitos jovens frequentadores, este bar está situado dentro de um “circuito cultural alternativo” que se insere em seus percursos. Alguns vão até lá apenas em busca de divertimento e lazer, mas, para muitos, o que vem em primeiro lugar no sarau é a palavra. Ela se torna o elemento central e, por isso, existe uma atenção em vigiar pelo silêncio e pela conduta moderada das pessoas no recinto.

Durante o sarau, a dinâmica do bar se modifica, diferenciando-se dos outros dias e dos outros bares por ali. Além da poesia, outras atividades se dão e o bar se torna um espaço de intensa divulgação cultural e disseminação de informações artísticas com panfletos e fanzines trazendo as mais diversas programações da cidade e até mesmo convites de cortesia para *shows*, exposições, distribuição gratuita de livros, revistas etc. Também se torna um lugar onde vários artistas presentes podem mostrar suas produções, sendo que, durante o tempo em que acompanhei as atividades do grupo, houve o lançamento de CDs e de vários livros de escritores da periferia. Na porta, algumas pessoas expõem artesanatos ou mesmo circulam os seus produtos dentro do bar, que, com toda essa dinâmica, modifica-se deixando de lado parte do seu descompromisso habitual assumindo uma seriedade e compromisso com os artistas da periferia, com a divulgação de suas produções e com a construção de um local que também seja um espaço de lazer e sociabilidade para todos da região.

O bar em si também é uma inovação na periferia porque entra em cena como um novo local de atuação poética. Ganha um papel social diferenciado em função da Cooperifa. No entanto, o sarau não pode ser reduzido somente ao espaço físico do bar. Tanto dentro quanto fora do bar, há uma subversão do uso do lugar, ocorrendo diversas formas de sociabilidade e de estabelecimento de relações.

Há dias em que não cabe mais ninguém dentro do bar, nem de pé nem sentado, então, é necessário que o público se espalhe pela rua e pela calçada. As pessoas se aglomeram para conversar, permanecem paradas, bebem e entram no bar algumas vezes para pegar uma bebida. Na rua, podem conversar mais à vontade, namorar e tentar uma aproximação com as outras pessoas presentes porque, dentro do bar, a conversa é censurada. Verifica-se a apropriação daquele espaço por pessoas de vários estilos. As pessoas, os grupos, os representantes de entidades, periféricos e pessoas que vêm de regiões mais privilegiadas da cidade se misturam naquele espaço de convívio. Em algumas quartas-feiras, é possível presenciar apresentações de percussão e dança, em outras, vemos integrantes do *hip hop* cantando rap. A Cooperifa e o seu evento vai se configurando como especialmente favorável a uma sociabilidade afetuosa, convidativa e generosa, distinta da sociabilidade predominante no cotidiano.

Por meio da sociabilidade se dá o estabelecimento de laços que têm em si a razão de ser. Na abordagem de Simmel (1983), um dos exemplos da sociabilidade é a conversação, realizá-la é o seu propósito, independente do seu conteúdo. Nesse caso a conversa não pretende ser nada além de relação. Na conversa sociável, nenhum conteúdo ganha importância por si mesmo na sociabilidade, não há propósitos e objetivos⁶⁴ pré-definidos.

Observa-se muitas vezes essa sociabilidade na Cooperifa. Uma conversação puramente sociável, na qual o assunto é apenas o meio para que se efetive a troca de palavras e revele a interação ali existente. Através dessa troca de palavras, do diálogo, jovens prezam pela relação, desprezam qualquer forma exacerbada de se diferenciar e, no grupo, jovens estabelecem laços que têm em si a razão de ser.

Durante a sociabilidade há uma “suspensão momentânea das posições sociais” já que essa pressupõe um mínimo de valores compartilhados.

⁶⁴ Simmel ressalta que “isto não implica que o conteúdo de uma conversação seja indiferente. Ao contrário, deve ser interessante, atraente e mesmo importante. Mas não pode se transformar no propósito da conversação. (Simmel, 1983, p. 177)

As relações desses/as jovens, dentro e fora da Cooperifa, estão centradas nos encontros que se dão por meio da música, da dança, de divertimentos coletivos, nas festas no âmbito de um estilo de sociabilidade e de vida muito semelhante, cujo eixo, nas palavras de Carrano (2003), está no “encontrar-se”, ou seja, na forma lúdica de realização da sociação⁶⁵. Assim, a sociabilidade se dá em torno da satisfação em estabelecer laços, de “estar junto”. Na Cooperifa, estar com o outro, estar junto, é definidor para sua realização. A reunião em si já é suficiente para o prazer da interação, dessa forma, a poesia, assim como a conversa, é, muitas vezes, um motivo que impulsionaria a interação.

No entanto, apesar de, na conversação e na sociabilidade, o fim estar somente na relação em si, as redes de sociabilidades tecidas e intensificadas no grupo ampliam outras probabilidades de busca e de troca. O grupo alarga as possibilidades de estabelecimento de redes, que darão algum retorno quando o jovem quiser se inserir, seja no mercado de trabalho, como aponta Ferreira (2003) ao tratar do número de redes mobilizada pelos jovens pesquisados, até os vários âmbitos da vida na cidade.

Amplas relações de sociabilidade implicam maior possibilidade de escolhas, ainda que o traço forte da sociabilidade seja a livre interação.

Os jovens falam sobre shows, apresentações em que estiveram presentes, “trocam idéias” e estabelecem conversas informais. A conversação torna-se, por vezes, uma das motivações principais do encontro. Segundo Dayrell (2007, p.10) o "trocar idéias" é de fato um exercício da razão comunicativa, ainda mais significativo quando encontram poucos espaços de diálogo além do grupo de pares. A conversa é relação e não pretende ser nada além disso. Dessa forma, o conteúdo da conversa não tem importância por si mesmo. Mas, também falam, por exemplo, sobre o sarau da semana anterior, fazendo reflexões sobre as performances realizadas e sobre a atuação dos grupos.

Alguns jovens permanecem parados na rua e ao redor da praça, voltados para o bar, geralmente com um copo de cerveja na mão ou um cigarro. Naquele momento, a rua perde a sua função de local de passagem e se caracteriza como um local de sociabilidade e de encontro com o outro, onde se estabelecem também relações de amizade: “É a rua que resgata a experiência da diversidade, possibilitando a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, a troca entre

⁶⁵ A sociação, de acordo com Simmel (1983), é a forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses.

diferentes, o reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares” (MAGNANI, 1993, p. 1)

O bar invade a rua, que é reinventada pelos seus usuários tornando-se um lugar de múltiplos usos. Na rua, são tramadas outras relações que subvertem o seu uso como via pública, utilizada apenas como meio de ligação entre dois pontos distintos. De tempos em tempos, as pessoas se afastam para que o ônibus que circula pelo bairro possa passar, mas, logo em seguida, ocupam suas posições no meio da via. Dentro do bar, nesse momento, as poesias recitadas competem com o barulho do ônibus, buzina de moto ou, às vezes, com a sonoridade excessivamente alta de algum carro que passa por ali, geralmente tocando músicas em estilo funk.

Se, em alguns momentos, a rua é o local em que a pessoas apenas passam e não se conhecem, utilizada apenas como espaço de circulação dos pedestres, ali a rua passa a ser usada com um significante comum, a sociabilidade: “A rua, rígida na função tradicional e dominante – espaço destinado ao fluxo – às vezes se transforma e vira outras coisas” (MAGNANI, 1993, p. 2). Vira, por exemplo, um espaço de fruição em dia de festa. Às vezes, é vitrine, outras, é palco e, neste caso, é arquibancada para alguns “usuários”. A rua, provisoriamente, deixa de ser um espaço somente de circulação, e também se torna lugar e suporte de sociabilidades.

Alguns jovens voltando da escola passam por ali para “ver o movimento”. Nas sacadas de alguns sobrados, os moradores também apreciam a movimentação da rua ocasionada pelo sarau, de modo que os limites entre a casa e a rua são atenuados pela participação no evento a partir da varanda de casa.

Esses espaços (casa e rua/público e privado/dentro e fora), [...] não estão separados. Eles se relacionam por seus subespaços (praças, adros, mercados, jardins, portos, janelas, cozinhas e varandas) e também por ocasiões especiais onde a sua comunicação é possível, obrigatória ou desejável (DAMATTA, 1985, p. 51).

A casa, geralmente vinculada ao privado, ao informal e ao invisível, como mostra Santos (1981), abre-se ao público. Alguns jovens, que ficam na porta do bar podem se comunicar tanto com quem está fora como com quem está dentro. “São expectadores, mas estão também envolvidos com o espetáculo, podendo ocasionalmente assumir papéis dentro dele” (SANTOS, 1981, p.52). As calçadas (e seu caráter público) são utilizadas para os mais diversos fins, como para o comércio com carrinho de pipoca ou mesmo para atividades ilícitas. Algumas pessoas

aproveitam caixas de cerveja que ficam na calçada com as quais fazem cadeiras. Tanto a calçada quanto a porta funcionam como zonas de interação entre quem está dentro e quem está fora do bar, de forma que a distância entre o dentro e o fora do bar diminui em virtude desse tipo de apropriação. A rua e a calçada tornam-se uma extensão do bar, sendo que tanto o público que está dentro quanto o que está fora, cada um ao seu modo, respeita a organização do sarau, do qual ambos participam, apesar de, em cada ambiente, serem criadas relações distintas. Na rua registra-se uma fluência maior da sociabilidade e, dentro do bar, os jovens ficam mais contidos, num espaço onde as regras são mais rígidas. Há momentos, dentro do bar em que o silêncio reina em absoluto e, fora, isso não acontece. Há um comportamento diferenciado em cada local, mas também não se espera uma conduta única nesses dois espaços. Ainda assim, não se pode fazer uma interpretação radicalmente dicotômica separando casa e rua, dentro e fora, pois, há uma conexão, uma relação entre estes pólos, como pensa Fortuna (2002, p. 137): é preciso olhar para a cidade a partir da porosidade de suas fronteiras e questionar “definições nominalistas dos espaços, senão de forma operativa, porquanto eles se influenciam e contaminam reciprocamente a cada instante”. Na observação do ritual do sarau e sua extensão, há caracterizações distintas das que dicotomizam o público e o privado ilustrados pela sociabilidade na rua e na casa na obra de Damatta:

É preciso notar que também a oposição casa/rua tem aspectos complexos. É uma oposição que nada tem de estática e de absoluta. Ao contrário, ela é dinâmica e relativa porque na gramaticalidade dos espaços brasileiros, rua e casa se reproduzem mutuamente, posto que há espaços na rua que podem ser fechados ou apropriados por um grupo, categoria social ou pessoa, tornando-se sua “casa”, ou seu “ponto” (DAMATTA, 1985, p. 47).

A rua, portanto é revelada como lugar de encontro e convívio e, algumas vezes, a sociabilidade de jovens é espacialmente concentrada nas ruas, como veremos no capítulo seguinte. Longe de esvaziar as contradições entre casa e rua, dentro e fora, percebo que, mais importante que falar da oposição destas duas categorias, é mostrar as relações entre elas, pois a rua pode estar, para eles, em oposição a casa, mas, como mostra Pereira, “esta não apenas como local de calma e harmonia, mas principalmente como local de tédio. Sair de casa em direção à rua significa, muitas vezes, para estes jovens a busca por aventura e lazer” (2005, p. 45).

Ainda que venha sendo posta em pauta a crise da vida urbana, que se reflete no embrutecimento das cidades, em que o público tem perdido seu lugar na sociedade urbana

contemporânea, ainda assim, a experiência da rua não desapareceu. Adaptou-se a novas circunstâncias, assumiu novas modalidades e mantém-se nos múltiplos espaços convencionais de lazer e de encontro, colocando-se nos circuitos dos jovens.

Fortuna (2002, p. 127) chama atenção para a contínua privatização dos lugares e os seus efeitos na fragilização da cidadania e na retração para o domínio do doméstico e dos “circuitos de convivialidade restrita”, no entanto, mostra que não se vêem apenas sinais de retração dos espaços públicos. Apesar dessa “crise do espaço público” (SENNET apud CARRANO), da “crise da cidade”, que, segundo Gómez-Granell (2003) está ligada à “perda da sua função comunitária, educativa e civilizadora” (2003, p.18), a cidade ainda pode ser concebida como o local de encontro e participação. Para isso, faz-se necessário reivindicá-la, como ocorre no sarau da Cooperifa, como um importante espaço de convivência com a diferença, onde seja propiciada a mistura de usos e funções além da convivência intergeracional, interétnica e intercultural.

2.4.1 Cooperifa: evento, ponto de encontro e outros significados atribuídos

Alguns estudos sobre formas de sociabilidade de grupos nas grandes cidades mostram que existem formas de apropriação que dão suporte a comportamentos não convencionais. Equipamentos e lugares que são planejados para fins específicos são apropriados por grupos que subvertem suas regras criando usos alternativos próprios, dando novos sentidos àquele espaço através de códigos particulares. De alguma forma, o bar do Zé Batidão em dias de sarau se torna um espaço de referência de sociabilidade para alguns jovens, mas, cada um deles, atribuiu ao sarau significados diversos.

Determinados grupos de frequentadores/as têm o sarau como mais um ponto num suposto “circuito cultural alternativo” da cidade. Para alguns desses/as jovens, determinadas pessoas com um mesmo estilo de vida têm condutas semelhantes em relação ao modo como conduzem suas formas de sociabilidade. Cabe aqui lembrar, como dito no capítulo anterior, que, em alguns trabalhos, Magnani (1993, 2002, 2005) desenvolveu as noções de pedaço, mancha, trajeto e circuito para entender alguns processos da atual dinâmica cultural urbana. Essas noções permitem descrever recortes no espaço que são significativos em virtude de práticas e formas de apropriação por parte dos agentes e que terminaram por determinar padrões coletivos de comportamento e regras de sociabilidade.

Para unir estabelecimentos, espaços e equipamentos espalhados na cidade e que se caracterizam pelo exercício comum de determinada prática, surge essa idéia de circuito. O circuito pode ser descrito e observado, mas, só é reconhecido em seu conjunto. Essa categoria descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinados serviços que não mantêm uma relação de contigüidade espacial entre si. Nesses termos, o sarau da Cooperifa, para alguns, nada mais é que um ponto dentro de um circuito, ou seja, integra uma rede de sociabilidade na qual determinado tipo de jovem está conectado.

Tem outro bar que é o bar do João onde o pessoal se encontra. Enfim tem o... Vou ao cinema que tem os cineclubes lá eu vejo como um circuito. Eu vejo que tem um circuito cultural. Tipo, tem o Panelafro, tem a Cooperifa às quartas, tem o cinema também que tem três grupos que trabalham na região. Eu acompanho mais o Cine Beco que é, tem uma exibição uma vez por mês, então eu vou. (Clarice – L)

Fazem parte daquele circuito, dentro do bairro, a Casa de Cultura M'boi Mirim, apresentações artísticas como shows de rap e de grupos de percussão. No centro da cidade, alguns espaços como as galerias, a Ong Ação Educativa, os centros de lazer do Sesc (Serviço Social do Comércio) e eventos de lançamento de livros e debates que, de alguma forma, se relacionam ao tema das culturas periféricas e similares também integram aquele circuito.

Outros jovens, alheios àquele circuito, têm o sarau como uma atividade pontual em sua vida, pois, não tendo nada para fazer no bairro, um “evento” que aglomera as pessoas atrai alguns jovens da região que, ocasionalmente, passam por ali.

Há valorização muito grande do grupo e do papel que este tem na comunidade de proporcionar alguma atividade de lazer. Seus organizadores mostram que aquele espaço é uma alternativa que os moradores daquela periferia têm, onde, dizem eles, não há escolas, não há biblioteca, onde não há centros culturais: “a Cooperifa congrega isso tudo.” O grupo é, então, taticamente⁶⁶ utilizado por eles para denunciar problemas como a falta de acesso a equipamentos públicos e a ausência de políticas públicas.

⁶⁶ A tática, segundo De Certeau (1994), é usada pelo fraco, que precisa tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ela joga sempre com o terreno que lhe é imposto e é sempre um movimento “dentro do campo de ação do inimigo” e no espaço por ele controlado. A tática consegue estar onde ninguém espera, é astúcia. Esta palavra destaca a relação de forças que está no princípio da criatividade intelectual espalhada no terreno da ordem dominante (p. 102). Assim, observo que os jovens desenvolvem táticas que subvertem o determinado pelas regras. De Certeau esboça uma teoria das práticas cotidianas para extrair delas as “maneiras de fazer” que, aparecem a título de resistências. Ele acredita na liberdade das práticas e, que, é possível ver microdiferenças onde outros só vêem obediência e uniformização. Há sempre uma margem de manobra presa nas redes de vigilância. Em seu livro, “A invenção do cotidiano: artes de

Pfeiffer (2001), em um trabalho intitulado “Cidade e sujeito escolarizado”, parte do pressuposto de que o processo de urbanização funciona como instrumento do Estado, de normatização, estabilização, regulamentação dos sentidos dos sujeitos e dos sentidos para o sujeito ocupar a cidade. Fala do caráter disciplinador do urbanismo mostrando que “é um sujeito que deve se adequar a uma cidade” (p. 30) e, nesse sentido, quem não está abarcado pelas regras de determinação do urbano tende a ocupar o espaço da invisibilidade (para o poder público). No entanto, através das táticas utilizadas por jovens participantes de grupos culturais como a Cooperifa, é possível subverter regras “implícitas” de apropriação da cidade.

Para cada pessoa presente, o sarau tem um significado específico. A permanência de poetas e grupos, por exemplo, está muitas vezes ligada às novas perspectivas de ações sociais que podem por ali surgir. É evidente que o sarau da Cooperifa não possui um desempenho independente dos agentes sociais que o frequentam, pelo contrário, está intimamente articulado com grupos e poetas. A Cooperifa, por vezes, consiste num espaço de encontro em que novas idéias são debatidas, formuladas e até mesmo colocadas em prática posteriormente, pois, no sarau, ocorrem interações entre entidades, grupos artísticos e poetas. No encontro destes atores, novas idéias e opiniões se manifestam. Além de servir como fonte de informação, favorece interligar interesses voltados para a melhoria da comunidade.

Em vez das motivações das entidades em participar do sarau, neste trabalho trato dos significados da Cooperifa para jovens participantes, integrantes do grupo ou visitantes do sarau. Franco (2006) revela a existência de uma extensa rede de agentes sociais em torno do sarau, sendo que cada um deles atribui à Cooperifa uma determinada importância. A Cooperifa pode proporcionar aos grupos certa visibilidade pública e uma divulgação do trabalho dos outros grupos. O sarau também é um lugar onde acontecem discussões e debates e a possibilidade de diálogo que proporciona é intensa configurando-se também como um espaço viável tanto para a divulgação dos valores que os grupos professam quanto para o estímulo à criação artística e aos estudos.

A definição da Cooperifa pelos seus próprios líderes é variante. Ora fala-se em grupo, ora fala-se em movimento, associação, cooperativa. No nome do grupo há uma junção das palavras cooperativa e periferia. No entanto, entendo que a palavra cooperativa é usada por eles muito mais para fazer referência a uma ajuda mútua, uma possível solidariedade existente entre seus

fazer”, tenta compreender as culturas populares como táticas de uso e resistência a sistemas impostos, enriquecendo

membros, do que no sentido estrito da palavra. Ou seja, o termo é usado no sentido de colaboração, cooperação e auxílio no trabalho em conjunto, fazendo sempre alusão ao trabalho em equipe.

Em algumas situações, os líderes do grupo falam da Cooperifa usando o termo movimento cultural. Neste sentido, destacam a movimentação do grupo, sua intenção de abrangência na cidade e sua mobilidade e mobilização. Marco Pezão, um dos líderes, em entrevista concedida à Folha de S. Paulo, refere-se à Cooperifa como um festival⁶⁷. “É um festival, em que as pessoas mostram diferentes visões para vários assuntos e têm liberdade para expor” (Marco Pezão). O termo festival chama atenção para a periodicidade do evento, a festa, a divertimento, a celebração e comemoração, nesse caso, da cultura da periferia.

Por outro lado, obtive informações que a Cooperifa, tornou-se uma organização não governamental em 2005, no entanto, nenhum dos seus líderes, ou mesmo os cooperiféricos, se referem à Cooperifa como tal. Cabe lembrar que diversos grupos foram se transformado em ONGs para concorrer e fazer uso de alguns financiamentos públicos ou de empresas privadas destinados àquele tipo de organização. No caso da Cooperifa, para que o CD do grupo fosse viabilizado, foi necessário adotar essa estratégia. Assim, foi estabelecida a parceria com o Itaú Cultural⁶⁸ que financiou tanto o CD quanto o livro do grupo.

Peçanha (2006) refere-se à Cooperifa como um projeto, enfatizando, inclusive, ser um projeto de um dos líderes. Creio que a Cooperifa contribuiu na construção da imagem do seu idealizador, no entanto, a Cooperifa é muito mais que um projeto pessoal. Peçanha entende que Cooperifa é um projeto de atuação político-cultural. Franco (2006) toma a Cooperifa como um movimento cultural.

Para as pessoas que freqüentam, participam do sarau ou são integrantes da Cooperifa, este é ainda mais indefinido. Em conversa com alguns jovens na rua, em frente ao bar, quando

o debate acerca das lógicas de ação pela inserção do conceito de tática.

⁶⁷ Entrevista concedida à Susana Sarmiento, Folha On-Line. Moradores podem se expressar com palavras no Sarau da Cooperifa. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/comunidade/gd030505b.htm>. Acesso em 30 de novembro de 2007.

⁶⁸ A parceria entre a Cooperifa e o Itaú Cultural se deu por meio da vigência da Lei Rouanet. A Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei nº 8.313/91), ou Lei Rouanet, como também é conhecida, foi concebida em 1991 para incentivar investimentos culturais e pode ser usada por empresas e pessoas físicas que desejam financiar projetos culturais. Por meio dessa lei, é possível deduzir do imposto de renda de 30% a 80% do valor investido em um projeto cultural. O incentivo fiscal é benéfico à empresa, ao idealizador do projeto e também à sociedade como um todo. Um dos motivos que leva as empresas a investirem em cultura é a possibilidade de usar Marketing Cultural, reforçando o valor de sua marca e potencializando a imagem positiva junto à comunidade onde a empresa está inserida.

abordados sobre o que seria, para eles, a Cooperifa, alguns dizem que o sarau é um evento onde é possível encontrar pessoas interessantes reunidas. “Aqui a gente encontra o pessoal. Tem pessoas diferentes aqui, mas, também a gente pode encontrar o pessoal de sempre.” Configura-se assim como um ponto de encontro, ou seja, mais do que um evento é um local pra encontrar “a galera” e já se tem uma idéia das pessoas que irão encontrar por lá.

Alguns jovens, indagados sobre a Cooperifa, confessaram que nunca haviam entrado no bar. Após aquele dia, percebi que existem alguns jovens que ficam pela rua, alguns entram no bar para apanhar uma cerveja e outros não chegam a entrar no bar. Alguns deles nem mesmo sabem ao certo o que ocorre lá dentro. Sabem que existe um evento, uma movimentação, mas, não partilham daquela experiência. Para quem nunca entrou no sarau, aquele pedaço da rua é um *point*, um lugar onde se agregam pessoas conhecidas ou não.

2.4.2 Visibilidade e formação de opinião: os caminhos da sociedade civil na esfera pública e a ação de grupos culturais

Como mencionado no item 2.3, a Cooperifa realiza apresentações em vários locais da cidade, inclusive em espaços de prestígio como a Pinacoteca do Estado, o Sesc Consolação, universidades, o Instituto Itaú Cultural e a Casa das Rosas, estes dois últimos situados na Avenida Paulista, local de intensa movimentação cultural, de alta concentração dos chamados equipamentos culturais (museus, centros culturais, centros de artesanato, salas de cinema).

Estar presentes nesses espaços, ser valorizados em lugares prestigiados socialmente, circular em várias regiões da cidade, tem grande importância na vida desses/as jovens. Sentem-se honrados ao serem aplaudidos por um público diferenciado. Além disso, o grupo estimula a realização de intercâmbios e a participação em ambientes diversos (acadêmicos, políticos, dentre outros) como, por exemplo:

Atividades da Cooperifa⁶⁹	Bairro/Região
Parque do Ibirapuera - exposição “Dinos na Oca”	Ibirapuera – Zona Sul
Casa de Cultura M’Boi Mirim - evento de cultura afro-brasileira	Piraporinha – Zona Sul
Escola Estadual Paulo Eiró – Reunião da Universidade Pública da Zona Sul	Zona Sul
Biblioteca do Céu Campo Limpo – Sarau Suburbano	Campo Limpo – Zona Sul
Sede do grupo Becos e Velas – exibição de documentários	Jardim Ângela – Zona Sul
Capão Redondo – 1º Encontro de Literatura Marginal	Zona Sul
Jardim São Luiz – Sarau Poético	Zona Sul
Casa de Show – Show da cantora Leci Brandão	Interlagos – Zona Sul
Céu Casa Blanca – Apresentação teatral no 8º Encontro de Grupos “Panorama Teatral Sul”	Zona Sul
Cine Becos Exibição – de Filme: Hotel Ruanda	Jardim Ranieri – Zona Sul
Núcleo de Consciência negra da USP – Festa “a coisa vai ficar preta”	USP – Zona Oeste
Núcleo de consciência negra ECA/USP – Debate	Zona Oeste
Praça Gal Osório – Show de cultura afro brasileira “Grupo: Ilú Obá De Min”	Luz- Centro
Ong: Ação Educativa – Exposição de fotos, debate sobre literatura marginal e lançamento de livros	Centro
Itaú Cultural – exposições	Paulista - Centro
Teatro Municipal de Osasco – apresentação teatral de grupo canadense	Osasco – Região Metropolitana
Taboão da Serra – Café Literário	Taboão da Serra – Região Metropolitana
Projeto Raízes Cultura do Gueto III – Show Beneficente de Hip	Taboão da Serra – Região Metropolitana
Sarau Chaparral e Hip Hop ECA	Embu das Artes – Região Metropolitana

O estímulo à participação naqueles espaços é constante e, em alguns dos eventos em que estive presente, encontrei vários/as jovens integrantes da Cooperifa. Estes dados indicam que a participação em um grupo pode ajudá-los/as na ampliação do conhecimento dos espaços da cidade. Não apenas no sarau, através das poesias recitadas, e das conversas, mas também por

⁶⁹ Informações obtidas por meio de panfletos de eventos distribuídos no bar.

meio do estímulo à participação em debates e eventos diversos, a Cooperifa passa a ser um grupo formador de opinião.

Além de formar opinião, sendo ao mesmo tempo um pólo de valorização da auto-estima, de construção de uma auto-imagem positiva e de incentivo ao maior prestígio da leitura, o sarau da Cooperifa também serve como um canal para outros grupos divulgarem seu trabalho, algo muito importante para os outros grupos porque a Cooperifa foi ganhando muita visibilidade na grande mídia.

Emissoras consagradas de televisão exibiram algumas reportagens sobre o sarau da Cooperifa. Normalmente, as reportagens veiculadas em programas de televisão sobre a periferia falam da violência ou da precariedade na qualidade de vida dos seus moradores, no entanto, ao falarem da Cooperifa, destacam atividades positivas que ocorrem em bairros de periferia. A visibilidade da Cooperifa aumenta na medida em que canais de televisão de abrangência nacional começaram a difundir uma opinião favorável à ação do sarau na periferia de São Paulo.

Conseqüência disso é que, em várias quartas-feiras, há gravações de programas de televisão⁷⁰ no bar do Zé Batidão, o que movimentava ainda mais o bar. Pequenos refletores, cabos e fios passaram a compor o ambiente e deixaram de causar estranhamento entre os que vão ao sarau com freqüência.

Um dos jovens integrantes da Cooperifa que também integra o projeto cultural “Literatura no Brasil” chegou a ser entrevistado em um programa de televisão⁷¹. Toda essa exposição do grupo fez com que o grupo fosse conhecido na cidade, em locais nos quais ainda não havia se apresentado, por isso, ocorre de jovens cooperiféricos serem “reconhecidos” em certos lugares por usar camisetas ou bonés com o símbolo do grupo, acontecimento que lhes trazem grande satisfação.

Outra demonstração de que a Cooperifa, a cada dia, ganha mais visibilidade é que o grupo foi um dos que ganharam destaque no programa *Central da Periferia*, programa que, em 2006, ia

⁷⁰ Foram feitas, por exemplo, gravações para o programa *Palavrão*, do Canal Brasil (TV fechada), o programa *Provocações*, da TV Cultura, o programa *O melhor do Brasil*, da TV Record, e o SPTV, da rede Globo.

⁷¹ O jovem, Ademiro Alves de Sousa, conhecido como “Sacolinha”, foi entrevistado no Programa do Jô Soares, que vai ao ar de segunda-feira a sexta-feira na Rede Globo. Sacolinha é autor do livro *85 letras e um disparo* (Editora Ilustra) e *Graduado em marginalidade* reeditado pela Global Editora em 2007.

ao ar todo sábado, na rede Globo de televisão, e mostrava a periferia de várias capitais do Brasil⁷².

A imprensa televisiva é apenas um dos suportes onde o sarau aumenta a difusão da sua imagem. A mídia impressa também noticiou várias vezes o sarau. Jornais locais e do município de Taboão da Serra frequentemente têm noticiado o sarau. Em um destes, a manchete se referia à Cooperifa como “Academia de letras da periferia”.

A ONG Ação Educativa, que tem sido uma grande apoiadora das atividades do grupo, inclusive lançando, em sua sede, os livros dos jovens integrantes do sarau, veio, desde maio de 2007, produzindo um boletim mensal (Agenda cultural da periferia) no qual são divulgados eventos que ocorrem na periferia da cidade, dando destaque ao sarau da Cooperifa. A ONG mantém também um núcleo de literatura periférica⁷³.

Outro veículo que foi sendo usado como canal pelos próprios membros da Cooperifa para divulgar o seu trabalho e o trabalho dos artistas da periferia é a internet que dá à Cooperifa maior visibilidade pública. Franco (2006) reserva em seu trabalho uma reflexão voltada para a internet como um mecanismo de estratégia de expansão e ao mesmo tempo de marketing utilizados pelos líderes do grupo, ou seja, as ações estratégicas do sarau na rede eletrônica. É possível encontrar *sites*, *blog's* e comunidades no *orkut* relacionados ao sarau.

A Cooperifa também atrai o interesse de artistas consagrados do rap como Mano Brown, GOG, Happin Hood e também de vereadores paulistanos. Um dos jovens entrevistados começou a freqüentar a Cooperifa apenas com a intenção de encontrar um daqueles artistas e continuou freqüentando.

Um amigo meu passou [...] “Ô, mano, tá tendo um negócio ali de poesia, ali e tal, Mano Brown, Racionais tá lá, vamo lá? É hoje”. Aí eu falei: ah, vamo lá. Daí, eu fui lá né, num é nem querendo saber de poesia [...] Aí eu fui lá, o malandro num tava lá, o Mano Brown, né? Aí, eu falei vô na onda, daí, num tava. Daí, eu fui indo, eu fui umas cinco vezes, né, pra ver se via o mano. Queria ver o cara, né? Admiro o trabalho dele pra caramba. Deles né? Daí, nessas aí, de eu ir e ir, já conheci o Sérgio Vaz, o Pezão e... comecei a ouvir poesia, gostar, comecei a tentar rabiscar algumas coisa[...] Aí, conseqüentemente, com o tempo, trombei com o cara que eu queria ver, entendeu? Aí, foi quando eu conheci o Gaspar, Z'áfrica Brasil, e vim, no decorrer dos anos, conhecendo manos que eu já ouvia, ouvia tocando as música e tal. (Aloísio – ME)

⁷² O Central da Periferia transformou-se em quadro do programa Fantástico, que vai ao ar todo domingo na mesma emissora, desta vez, mostrando as periferias de outros países.

⁷³ Peçanha (2006) analisou a apropriação da expressão “literatura marginal” por escritores advindos da periferia. A análise priorizou escritores e suas construções em torno do adjetivo “marginal”, que se traduziram em produtos literários e atuações específicas e, no caso de um deles, a atuação na Cooperifa.

Num primeiro momento, a ida à Cooperifa era motivada pela intenção de encontrar um ídolo, mas, acabou se tornando um local significativo por outros motivos.

A Cooperifa agrega um público formador de opinião no entanto não se tornou um lugar de clássicos debates e de representações político-partidárias. Circulam no grupo, mais do que ideais político-partidários, opiniões coesas sobre uma série de outros assuntos. Juntos, constroem, por exemplo, modos de ver a cidade. Os participantes do grupo compartilham e vão construindo em conjunto opiniões sobre a desigualdade, sobre a sociedade, sobre as periferias e até mesmo sobre os playboys que os ajudam também na construção de identidades. Como aponta Guasco (2001) em pesquisa com rapper's, a identidade é construída a partir de um contraste⁷⁴. Assim, são criadas por eles várias categorias de oposição, como: centro x periferia, manos x playboys, o lado de lá x o lado de cá, escritores de elite x autores periféricos, favelados x intelectuais acadêmicos, humildade x “marra”. Guasco, ao falar da identidade entre rapper's, aponta várias nomeações, idéias, opiniões compartilhadas entre um grupo que se identifica com o rap. A Cooperifa também é um grupo com idéias coesas e normas de conduta compartilhadas.

Sposito (2000) comenta sobre a importância da palavra no caso dos rapper's e como as suas idéias circulam pela imprensa alternativa (fanzines e rádios comunitárias):

Na apropriação da palavra evidencia-se a necessidade de se recorrer à informação, ao conhecimento e, assim, propiciar uma explicação diferente daquelas produzidas pelos grandes veículos formadores da opinião pública que asseguram uma certa homogeneidade das interpretações: “a cultura juvenil afirma com força as necessidade comunicativas, mas reivindica também o direito de decidir quando e com quem se comunicar (MELUCCI, 1990, p. 74) (SPOSITO, 2000, p. 75).

As práticas de grupos culturais como as aqui retratadas pela Cooperifa também mostraram a necessidade de ampliar a reflexão sobre o papel dos grupos e como eles vêm se construindo na esfera pública. Creio que deve ser dado um peso maior no entendimento da construção de uma nova esfera pública, à atuação dos grupos culturais e dos espaços que estes produzem e são

⁷⁴ O conceito de identidade, foi desenvolvido por Melucci (1997; 2004) que trata do seu caráter múltiplo na sociedade complexa. Para ele, a identidade é um processo que pode ser visto como um produto de uma ação consciente e resultado da auto-reflexão, mas, também do reconhecimento dado na relação com o outro. A identidade individual é uma relação social, uma interação, que carrega consigo uma tensão irresolúvel entre o auto e heterorreconhecimento.

produzidos. Torna-se importante pensar em como as práticas cotidianas de jovens e seu envolvimento com grupos interfere na sua capacidade individual de ação tanto quanto na capacidade de movimentação da sociedade civil.

Segundo Telles (1994a), a possibilidade de a cidadania se enraizar nas práticas sociais a partir de uma cultura pública democrática depende, também da constituição de espaços onde as diferenças possam ser expressas, espaços nos quais valores circulam, opiniões se formam e argumentos se articulam.

Telles sublinha que nossa sociedade vem se modificando rapidamente (tornando-se complexa, heterogênea, diferenciada), sendo que esta mudança é feita de formas distintas de sociabilidade que seguem as rápidas transformações da vida urbana e que se refletem em diferenças nos usos da cidade, nos modos de fixação e mobilidade no espaço urbano e no acesso a bens materiais e simbólicos em uma sociedade de consumo. No entanto, transformações e modernizações acontecem rapidamente sem que se tenha conquistado patamares mínimos de igualdade civil e social.

A reestruturação industrial, as mudanças nos padrões tecnológicos e transformações na composição do mercado vêm produzindo um novo tipo de exclusão social, em que à integração precária no mercado se sobrepõe o bloqueio das perspectivas de futuro e a perda de um sentido de pertinência à vida social (TELLES, 1994a, p. 98).

Telles faz referência à nova pobreza, ou a chamada nova desigualdade descrita por Martins (1997). Dessa forma, as soluções redentoras não mais se sustentam, surgindo novas formas de negociação: movimentos sindicais, populares, reivindicações urbanas etc., operando, assim, uma jurisprudência informal, formas negociadas de arbitragem de conflitos, criando “novos direitos” (p. 99). É impulsionada uma nova gestão da “coisa pública” que pode ser tomada como registro de uma sociedade civil emergente.

A Cooperifa, veio retratando uma nova dinâmica dessa sociedade civil, em que uma noção plural de bem público pode ser construída como intervenção que depende de espaços públicos democráticos nos quais a pluralidade de opiniões se expressa e que, segundo Telles, tem sempre como princípio o reconhecimento recíproco de direitos (1994a, p. 101-102).

De acordo com Avritzer (2004), a sociedade civil no Brasil gira em torno da participação, ou seja, da idéia de que a sociedade civil produz mecanismos de participação na esfera pública para controle social do Estado e, no caso brasileiro, faz-se necessário historicizar a idéia de

participação como criação social. Em alguns enfoques, a participação, nesse sentido, é sinônimo de dominação, ou seja, se as organizações da sociedade civil lutam pela participação elas servirão apenas para melhorar o funcionamento do Estado. No entanto, temos que pensar a capacidade de ação dos atores independente do estado.

Sposito (2000) mostra que há uma pulverização das ações coletivas de setores mais organizados da sociedade brasileira e, assim, há processos de mutação nas formas da ação coletiva que repercutem na constituição de novos atores jovens. Os jovens caracterizados, nas últimas décadas, pela apatia política e pelo desinteresse nas relações com a esfera pública despontam criando outras esferas e modalidades de ação na sociedade.

É interessante nos reportar às pesquisas que estudaram jovens e formas de participação da juventude. Esses trabalhos vão desde estudos que privilegiaram a anomia desses atores, acentuando seus traços individualistas, passando pelos estudos que examinaram as modalidades de participação estudantil na década de 60, até os estudos de Abramo (1996) que analisou a nova cena social dos anos 80 e que começa a mostrar novas formas, manifestadas pelos jovens, de estar na cena pública.

Os próprios caminhos da investigação e das teorias sobre os movimentos sociais se diversificaram e exigiram novos aportes diante da emergência de novas modalidades de práticas e atores coletivos. É neste contexto que emergem os grupos culturais, e mais especificamente, grupos culturais juvenis, que são o espelho desse alargamento de interesses e práticas coletivas. Acentua-se também a importância da esfera cultural que fomenta mecanismos de aglutinação de sociabilidades, de práticas coletivas em torno de interesses comuns, sobretudo em torno das diferentes expressões artísticas, como a música, a dança e a poesia.

Nas discussões sobre movimentos sociais, verifica-se a crise de uma forma de estar coletivamente nas esferas habituais da luta social. A participação nos tradicionais sindicatos, partidos e a própria mobilização estudantil dá lugar a novas formas de participação, sendo necessário um deslocamento dos estudos, pois, a ênfase nas análises dessas realidades foi mostrando uma dificuldade de compreender processos novos. Este deslocamento nos leva aos grupos juvenis, grupos de estilos ou, no geral, aos grupos culturais e, dentro destes, a jovens, como objeto de investigação. Ao examinar as diferentes condutas, verificam-se práticas e modalidades de estar junto que, muitas vezes, passam ao lado das instituições clássicas de socialização.

Fizeram-se estudos sobre as diversas formas de estar na cena pública, derivadas, por exemplo, das manifestações do rap, como o trabalho de Sposito (1994) quando evidenciou os novos conflitos e ação coletiva na cidade de São Paulo. Logo em seguida, Nakano (1995) faz uma geografia dos grupos de jovens em uma favela na grande São Paulo, onde várias formas coletivas estabelecidas por jovens atuam ao lado de movimentos de luta pela moradia, ou seja, a capacidade de ação de jovens seguia outra direção.

Trabalhar a lógica de jovens a partir da sua configuração enquanto grupos de estilo também não era mais suficiente. Foi necessário pensar que, por trás das expressões daqueles grupos, existem jovens que moram em um determinado bairro e que têm preocupações sociais específicas. Ou seja, é necessário estudar esse sujeito para além do que ele aparece para o grupo de estilo identificando assim novas formas do agir coletivo. Acredito que essas formas de agir coletivo e o próprio “estar no mundo”, para os jovens, só é possível entender a partir da idéia da experimentação. Assim, é preciso pensar no movimento de segmentos jovens em suas várias redes.

Dubet, para explicar a ação social, sugere a noção de “experiência”, que seria útil para designar as condutas individuais e coletivas dominadas pela heterogeneidade de princípios de orientação. A noção de experiência social, proposta por Dubet me parece ser bastante adequada para designar as condutas sociais, pois, para ele, estas condutas não podem ser redutíveis a puras aplicações de códigos interiorizados ou a encadeamentos de opções estratégicas que fazem da ação uma série de decisões racionais. Elas seriam organizadas por princípios estáveis, mas, heterogêneos. É essa heterogeneidade que permite falar de experiência, definida por ele como a combinação de várias lógicas de ação. Setton (2003), ao refletir sobre o processo de socialização do indivíduo contemporâneo, entende, de acordo com Dubet, que

A experiência social é uma maneira de construir o mundo. O indivíduo não está inteiramente socializado, não porque lhe preexistam elementos "naturais" e irredutíveis, mas porque a ação não tem unidade, não é redutível a um programa único. Segundo o autor, existe alguma coisa de inacabado e de opaco na experiência social do indivíduo contemporâneo (SETTON, 2003, p. 343).

Setton aborda a particularidade do processo de socialização a partir das contribuições de Dubet e Lahire, enfatizando os limites das concepções clássicas da socialização e a pertinência da idéia de experiência social. Outra pesquisadora que faz uma “leitura contemporânea” das obras de Dubet, é Wautier (2003), que se interessa em divulgar um pensamento sociológico ainda

pouco difundido: a sociologia da experiência, teorizada pelo sociólogo francês. Embasada nas idéias de Dubet, Wautier (2003) diz que:

Numa sociedade que se caracteriza pela diversidade cultural, pela multiplicidade das formas de conflito e de ação social, os atores não podem mais ser reduzidos a um só tipo de papel programado, não podem atuar segundo uma lógica única e determinada [...] Não existe mais um paradigma único da ação. A ação social não é determinada tão somente pelo sistema. O indivíduo se destaca pela capacidade de distanciamento em relação ao sistema e pela sua capacidade de iniciativa e de escolha (WAUTIER, 2003, p.179).

É nesta perspectiva que Dubet sugere a construção da noção de experiência social, que se apresenta, assim, como capaz de dar um sentido às práticas sociais: “designa as condutas individuais ou coletivas dominadas pela heterogeneidade de seus princípios constitutivos, e pela atividade dos indivíduos que devem construir o sentido das suas práticas no meio desta heterogeneidade” (DUBET, 1994, p. 15). Nesse sentido, Lahire coloca a idéia de um “ator plural”, sendo este, o produto de experiências - cada vez mais precoces - de socialização em contextos sociais múltiplos.

De acordo com Setton (2003), tanto Lahire quanto Dubet consideram que a sociedade contemporânea se caracteriza pela heterogeneidade de princípios de ação.

Eles chamam a atenção para o fato de que, à medida que os universos de referências sociais e identitários compartilhados se multiplicam e se diversificam, à medida que uma pluralidade de opções e escolhas está ao alcance dos indivíduos, estes terão, conseqüentemente, cada vez mais oportunidades de deliberar (SETTON, 2003, p. 345).

Creio que a diversidade das lógicas de ação, trazida por Dubet e Lahire e assimilada por outros autores, torna-se importante nesta análise. Torna-se indispensável pensar na idéia de experimentação e de circulação de jovens pelos vários espaços e circuitos formadores.

A partir das descrições feitas nos itens anteriores, fica claro que há uma intervenção de jovens, que não deve ser pensada pelas lentes da participação. Há uma dinâmica emergente que começou a surgir e a relacionar-se com o poder público, inventando novas formas de interação. Levanto a necessidade de pensar na importância de um bar para a formação da opinião pública e do espaço público. Já que este acabou tornando-se um *point*, um lugar onde pessoas de várias periferias estão presentes e lá constroem formas de ver, de pensar e de falar sobre a realidade.

Abramo (1996) já registrava, na década de 90, novas formas de jovens atuarem, verificando a criação de um outro tipo de mobilização, centrado na expressão e na crítica. O bar tornou-se um espaço de recriação dessa esfera pública, não através de discursos no seu sentido estrito, mas, por meio das poesias, de lemas expressivos, palavras de ordem e de todo o ritual ao abordar assuntos da conjuntura política de forma que as pessoas presentes vão construindo determinado modo de ver a cidade, a cultura, dentre outros aspectos de uma sociedade desigual, contribui na construção da opinião pública. A Cooperifa também explicita novas formas possíveis de participação.

2.5 Caracterização: jovens multiparticipantes

Foram aplicados 28 questionários aos/às jovens que participam do sarau com mais frequência⁷⁵. Examinando os dados recolhidos por meio do questionário, podem-se observar alguns aspectos que possibilitam traçar um perfil desses/as jovens no que diz respeito à faixa etária, sexo, moradia, escolaridade, família, raça/etnia, prática religiosa, renda, participação em grupos, dentre outros.

Na tabela 1, pode-se ver que grande maioria dos/as jovens pesquisados/as (16 do sexo masculino e 12 do sexo feminino) reside na zona sul de São Paulo, região em que se localiza o bar onde acontece o sarau. Alguns deles moram em outro município da região metropolitana (apenas 2) e outros, em regiões diversas de São Paulo (5 na zona oeste e 1 na zona leste).

Tabela 1 – Local de residência dos/as jovens que responderam o questionário

Bairro	Zona	Quantidade
Jardim São Luiz	Sul	5
Jardim São Salvador	Sul	2
Vila Emir	Sul	2
Jardim Universal	Sul	1
Heliópolis	Sul	1

⁷⁵ Num primeiro momento, fiz uma listagem das pessoas que freqüentam o sarau com certa regularidade. Liste cerca de 80 pessoas, sendo que, destas, selecionei todas as que se aproximam da faixa etária designada como juventude, totalizando 38 jovens. No entanto, durante a aplicação do questionário, que teve duração de cinco semanas, 8 jovens não compareceram ao sarau e 2 não devolveram o questionário.

Chácara Santana	Sul	1
Capão Redondo	Sul	1
Campo Limpo	Sul	1
Monte Azul	Sul	1
Parque Santo Antônio	Sul	1
Interlagos	Sul	1
Jardim Noronha	Sul	1
Parque Bristol	Sul	1
Jardim Presidente	Sul	1
C' Ariston	Oeste	1
Jardim América	Oeste	1
Butantã	Oeste	2
Jardim Guaraú	Oeste	1
Cidade Tiradentes	Leste	1
Jardim Três Marias	Taboão da Serra	1
Morro do Mineiro	Taboão da Serra	1

Alguns dos bairros citados ficam bem próximos ao bar, como, por exemplo, o Jardim São Luiz, Parque Santo Antônio e Capão Redondo. No entanto, a região é muito grande. Dessa forma, nem sempre a locomoção entre os bairros é feita com facilidade.

A maioria desses/as jovens (17) nasceu na capital de São Paulo, outros são provenientes do interior do estado (5) e alguns vieram do sudeste e nordeste (6) do país: Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Piauí, Ceará e Pernambuco.

A faixa etária do conjunto de jovens pesquisados varia entre 15 e 32 anos⁷⁶, havendo uma concentração maior de jovens de 22 e 27 anos, como nota-se na tabela 2.

Tabela 2 – Idade dos/as jovens que responderam o questionário

Idade	Jovens
15	2

⁷⁶ Parto do pressuposto de que “a tradicional transição da adolescência para a fase adulta, estimada em 9 anos, passa a ser cada vez mais insuficiente para dar conta da crescente complexidade do tradicional ciclo de vida [...]. Atualmente, quando a expectativa média de vida encontra-se ao redor dos 70 anos no Brasil, [...], torna-se fundamental identificar que houve o alargamento da faixa etária circunscrita à juventude para algo entre 16 e 34 anos de idade.” (POCHMANN, 2005, p. 221). Apesar disso, o grupo de idade tomado na maioria das pesquisas vai de 15 a 24 anos. Talvez porque instituições e órgãos oficiais de levantamento de indicadores, como IBGE e IPEA, têm usado este recorte.

17	3
18	3
20	3
22	6
23	2
24	3
25	1
26	1
27	6
29	2
30	1
32	1
Total	28

Destes/as jovens, todas as mulheres são solteiras e apenas uma delas tem filhos. Dentre os homens, 12 são solteiros e apenas 4 são casados ou vivem com uma parceira. Essa situação conjugal vai ao encontro da pesquisa *Perfil da juventude brasileira*⁷⁷, pela qual 78% dos/as jovens brasileiros/as são solteiros/as. No entanto, no que diz respeito à fecundidade, temos uma situação diferente. Aquela pesquisa registra 22% dos/as jovens pesquisados/as com filhos. Pode-se pensar que ter filhos seja um fator que impediria ou dificultaria pais e mães de freqüentarem o sarau, já que este acontece no meio da semana, de oito às onze da noite.

Durante o sarau, é marcante a presença de pessoas negras, se vê na Tabela 3, confirmada através do questionário. Ao serem perguntadas sobre cor/raça (negro, branco, pardo, asiático, indígena ou outra), as respostas foram:

Tabela 3 – Cor/etnia dos/as jovens que responderam o questionário

Cor/raça	Jovens
Negro	19
Pardo	1
Branco	4
Indígena	----
Asiático	----
Outra ⁷⁸	4

⁷⁷ Esta pesquisa, desenvolvida pelo Instituto Cidadania, constituiu-se em um amplo processo de consulta, pesquisa, debate e elaboração de propostas, a partir de junho de 2003.

⁷⁸ Considerei 3 jovens miscigenados pelo fato de marcarem várias opções. Dois deles escreveram os termos “todas as raças” e “miscigenação”. Um dos jovens respondeu que era maloqueiro. Vale a pena interrogar o porquê deste jovem se identificar com este adjetivo. Pode-se supor que ele vale-se do termo, utilizado na maioria das vezes pejorativamente, como contra estigma que serviria para reafirmar positivamente a sua condição de jovem morador da periferia. Podemos pensar que ser “maloqueiro” é um componente de sua identidade antes mesmo de seu pertencimento étnico racial.

Destas 28 pessoas, 11 declararam seguir alguma religião, sendo 3 católicas, uma umbandista, uma evangélica e 3 pertencentes ao candomblé. Três delas disseram seguir outra religião, sendo elas: “a rosa”, “shivaista” e “islã”. No entanto, apenas 4 praticam a religião escolhida: uma da igreja católica e 3 do candomblé. Observa-se que mais da metade de jovens não tem religião, reafirmando uma tendência revelada pelo Censo de 2000⁷⁹.

É interessante notar que os/as jovens que praticam a religião escolhida centram-se nas religiões afro-descendentes, por mais que seja criado em torno destas religiões um estereótipo hostil (XAVIER, 2005), o que levaria muitas pessoas a ocultarem sua filiação religiosa. No entanto, as religiões afro descendentes, para estes/as jovens, parecem ser um forte elemento de construção da sua identidade.

No que diz respeito à escolaridade dos/as jovens, temos a seguinte situação, expressa na Tabela 4.

Tabela 4 – Escolaridade dos/as jovens que responderam o questionário

Escolaridade ⁸⁰	Jovens
1º grau incompleto	1
1º grau completo	----
2º grau incompleto	4
2º grau completo	10
3º grau incompleto	7
3º grau completo	6
Total	28

Observa-se entre os/as jovens uma escolaridade alta. Um número considerável de jovens (13) ingressou no ensino superior, sendo que dois deles já cursavam a pós-graduação. Em conversa com alguns/as deles/as, deram a entender que o ingresso no curso superior foi possibilitado, muitas vezes, pela inserção dos/as jovens em curso pré-vestibular popular/gratuito ou também pelos programas de incentivo fiscal para concessão de bolsas a estudantes pobres ou

⁷⁹ O Censo 2000 indicou também a diminuição do número de católicos e aumento do número de evangélicos (NOVAES, 2005).

⁸⁰ A nomenclatura oficial divide a escolarização básica em educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. O questionário, visando simplificar utilizou os termos 1º, 2º e 3º graus.

incentivo à elevação da escolaridade por meio de realização de atividades comunitárias⁸¹. Essa expansão do acesso de jovens ao ensino superior, a partir de advento de políticas que facilitam o seu acesso em geral em universidades privadas e de políticas de ação afirmativa, faz com que mais jovens negros ingressem no ensino superior.

Todos/as os/as jovens que têm o 2º grau incompleto disseram que ainda estão estudando e, dos que têm o 3º grau incompleto (7), apenas um não estuda. Alguns trabalhos têm mostrado que o processo de exclusão social alterou-se nos últimos anos, dando lugar a uma nova desigualdade (MARTINS, 1997), caracterizada, entre outras condições, pela elevada escolaridade das pessoas, em especial dos jovens, associada à ausência de trabalho ou a empregos precários.

Ainda no que tange a escolaridade, pode-se observar que a maior parte dos estudos daqueles/as jovens ocorreu em instituições estaduais, seguidas por instituições municipais. Apenas 4 estudaram em escolas particulares.

Estes dados nos levam a perguntar: a Cooperifa estaria estimulando jovens positivamente no que diz respeito à escolaridade? Ou os/as jovens frequentam o sarau por terem um grau avançado de escolaridade? Estes dados apontam que, para examinar a experiência juvenil, não podemos minimizar a presença de agências tradicionais como a escola e a família. Sposito (2005) coloca a necessidade de considerarmos a confluência de vários processos socializadores na experiência da juventude.

Quanto à ocupação, 9 não tinham nenhum tipo de trabalho remunerado e, quando perguntados sobre o motivo pelo qual não o faziam, 2 responderam que estavam desempregados, 2 estavam procurando emprego, 1 nunca trabalhou e 4 realizavam algum tipo de atividade não remunerada como fabricação de artesanato, contador, curso de teatro e rapper.

Parece atípico mais de 2/3 dos/as jovens terem fonte de renda em face à situação de desemprego no Brasil. É importante notar que apenas 5 não fazem parte da população

⁸¹ Estes programas são o Prouni e o Bolsa Escola da Família. O Prouni (Programa Universidade para Todos) é um projeto do governo federal que tem como objetivo reservar vagas em instituições privadas de ensino superior para alunos de baixa renda. O programa foi regulamentado por meio de medida provisória publicada no "Diário Oficial" da União no dia 13 de setembro. O projeto é destinado à concessão de bolsas de estudo integrais e parciais de 50% (meia-bolsa) para cursos de graduação tradicionais (duração de quatro anos) e sequenciais de formação específica (dois anos). O Programa Bolsa Escola da Família tem como objetivo maior, beneficiar os alunos egressos do ensino médio da rede pública paulista, com menor poder aquisitivo e, portanto, maior dificuldade em custear seus estudos no ensino superior privado. Podem se inscrever no Programa qualquer pessoas que tenha cursado as três séries do Ensino Médio exclusivamente na Rede Pública Paulista; e que tenham interesse e disponibilidade para desenvolver as atividades do Programa junto às Escolas Públicas aos fins-de-semana.

economicamente ativa, o que é uma tendência confirmada pelos dados da pesquisa *Perfil da juventude brasileira*, ratificando que a juventude brasileira é uma juventude trabalhadora⁸².

Segundo Frigotto (2005), essa inserção precoce no mundo do emprego (ou subemprego) muitas vezes não é uma escolha, mas, uma imposição de sua origem social e do tipo de sociedade que se construiu no Brasil.

Creio que o fato de a grande maioria possuir, no mínimo, a escolaridade básica e alguns já estarem cursando o nível superior criou chances para que muitos já se inserissem no mercado de trabalho, ainda que em ocupações informais. Dezenove responderam que exercem atividade remunerada, são elas:

Tabela 5 – Atividades remuneradas dos/as jovens que responderam o questionário

Atividade	Tempo que exerce
Arte educador	Sem informação
Estagiário	1 mês
Professor de dança	4 meses
Motorista	4 meses
Professor	10 meses
Estagiário	10 meses
Pesquisa	12 meses
Trabalho em Ong	12 meses
Educadora	12 meses
Bancária	18 meses
Copeiro	19 meses
Massoterapia	2 anos
Estilismo	2 anos
Webmaster	4 anos
Arte educador	5 anos
Vendedor	5 anos
Poeta de calçada	5 anos
Educadora	5 anos
Auxiliar de escritório	6 anos

Destes 19 que exerciam atividade remunerada, 5 não gostavam do que fazem sendo eles: vendedor, estagiário, motorista e webmaster. Verifica-se que o/a jovem da Cooperifa se dividia entre a necessidade de estudar e de trabalhar. Muitos deles trabalhavam, no entanto, a grande maioria exercia atividade de pouco prestígio social, geralmente, associada a baixos salários e

⁸² Abramo (2005, p. 65) mostra, através dos dados da referida pesquisa que o trabalho, como atividade ou como

pouca estabilidade, confirmando que vem se modificando o modelo tradicional de trabalho (LEITE, 2003). Este novo modelo vem perdendo as características de assalariado, estável e masculino. O mercado informal absorve, no Brasil, cerca da metade da população economicamente ativa. Perguntados sobre o tipo de atividade que já exerceram ao longo da vida, os trabalhos se concentravam ainda mais em ramos tendentes à informalidade⁸³.

Essa inserção acompanha uma tendência dos países subdesenvolvidos, como é o caso do Brasil, em que cada vez é mais cedo o ingresso do/a jovem no mercado de trabalho. No Brasil, de cada dez jovens, sete estão no mercado de trabalho (NOVAES, 2003). No entanto, ainda que no Brasil a juventude não possa ser caracterizada pela moratória em relação ao trabalho, jovens ocupam empregos com baixa remuneração e cresce o número de postos de trabalho como os empregos domésticos, vendedor e atendente de *call center*, ocupações que mais têm crescido no país. De acordo com o Mapa da Juventude, a precarização do mercado de trabalho se faz presente no conjunto da cidade. Este fato também é evidenciado por estudos de Pochmann (2005) e Frigotto (2005), que mostram uma tendência à ampliação do trabalho informal, à substituição do emprego por ocupações precárias e temporárias e ao desmantelamento da relação salarial.

É possível observar, por meio da Tabela 5, não apenas a existência de trabalhos precários, mas, também profissões “emergentes” como, por exemplo, arte-educador e oficineiro. Essas atividades, que também não são bem remuneradas, se configuram como Outra forma da entrada de jovens no mundo do trabalho, que, ao buscarem uma inserção profissional ou, nos termos de Paes (2005), “formas inventivas de ganhar dinheiro”, são cooptados por uma demanda de ONGs, projetos sociais, dentre outros.

Acerca da inserção de jovens no mercado de trabalho, Frigotto e Pochamann apostam em “soluções” que posterguem o ingresso da juventude no mundo produtivo, disponibilizando a todos condições isonômicas de competição, possibilitando a ampliação da escolaridade e uma melhor preparação para entrada nesse universo.

aspiração, é a realidade para metade dos jovens de 15 a 24 anos mas, normalmente, se dá em condições precárias.

⁸³ Feirante; *office boy*; ajudante de pedreiro, ajudante de marceneiro; entregadora de panfleto, babá, educadora; auxiliar de montagem; garçom; venda, pintura, carregador, ajudante em feira; feirante, vendedor de seguros, vendedor de livros, ajudante de caminhoneiro, ator, dançarino, radialista; auxiliar de escritório; auxiliar de produção; telemarketing, vendedora, recepcionista; office girl, artesã, artista, trançadeira; estágio, pesquisa, auxiliar de escritório; repositora de prateleira, professora, artesã, oficineira, pesquisadora; trançadeira, dançarina, atriz; estágios; estágios, pesquisa, feira do livros; recitais na rua; revisões de texto, site, editora; digitadora, divulgadora, pesquisadora, promotora de vendas.

Em relação à moradia, observa-se, na Tabela 6, que a maioria mora em residência própria com outros membros da família, como é perceptível na Tabela 7.

Tabela 6 – Situação de moradia dos/as jovens que responderam o questionário.

Situação da moradia	Jovens
Própria ⁸⁴	15
Alugada	8
Cedida	5

Tabela 7 – Número de pessoas por domicílio de jovens que responderam o questionário.

Habitantes	Jovens
1	1
2	6
3	3
4	5
5	7
6	3
7	1
8	1
Não respondeu	1
Total	28

Quanto à escolaridade dos pais, pode-se ver na tabela 8, que o maior grupo não completou o 1º grau, principalmente quando são as mães. Mas, a maioria tem maior nível de escolaridade, embora, de modo geral, a escolaridade dos pais seja menor que a dos/as jovens.

Tabela 8 – Escolaridade dos pais dos/as jovens que responderam o questionário.

Escolaridade	Pais	Mães
1º grau incompleto	8	14
1º grau completo	5	----
2º grau incompleto	5	4
2º grau completo	3	3
3º grau incompleto	1	1
3º grau completo	3	4
Não responderam /não sabem	3	2
Total	28	28

⁸⁴ É importante ressaltar que, em moradia “própria”, podem estar incluídas situações de moradia irregular muito comuns em favelas onde, na maioria das vezes, os terrenos ocupados pelas famílias pertencem ao poder público.

Em relação à renda familiar, em média, 16 tinham de 1 a 4 salários mínimos e 13 tinham cerca de 5 salários mínimos.

Observamos, na Tabela 9, um número grande de famílias com renda de cerca de 5 salários mínimos. Como o número de habitantes por domicílio chega a estar entre 4 a 6 pessoas em 15 dos 28 indivíduos pesquisados, é possível entender que a renda média mensal per capita esteja entre 0,5 a 1,5 salário mínimo.

No que diz respeito à ocupação dos pais dos/as jovens pesquisados/as, observa-se que a minoria tinha emprego formal: apenas 5 pais e 9 mães. A maior parte estava no mercado informal.

Tabela 9 – Situação de trabalho dos pais de jovens que responderam o questionário.

Situação	Pai	Mãe	Ocupação⁸⁵
Carteira assinada	5	9	Chefe de expedição; faxineira; doméstica; caixa de banco; venderora.
Emprego informal/ autônomo	10	07	Pintor; funileiro/pintor pedreiro; vendedor; técnico eletrônica; artista plástico; costureira.
Desempregado	3	4	Tecelão.
Aposentado	4	3	Eletricista; metalúrgico.
Pensionista	1	1	
Outro	1	2	Do lar; estelionato.
Não sabe	4	1	
Total	28	28	

Isso mostra que os/as jovens não são os/as maiores contribuintes com a renda familiar, trabalhando para satisfazer as suas necessidades pessoais e não as de toda família.

A maioria desses/as jovens frequenta a Cooperifa há pelo menos um ano, apenas 1 está no grupo desde sua criação (em 2001) e 1 passou a frequentar o grupo há pouco tempo, conforme tabela a tabela 10, números que sugerem uma adesão significativa ao grupo.

Tabela 10 – Tempo que jovens frequentam a Cooperifa.

Tempo	Jovens
menos de 6 meses	1
de 6 meses a 1 ano	5

⁸⁵ Quando perguntados sobre a ocupação dos pais, a maioria não respondeu.

de 1 ano a 1 ano e meio	11
2 anos	3
mais de 2 anos	7
desde sua criação (2001)	1

Além da Cooperifa, quase todos/as os/as jovens declararam participar também de outro grupo cultural. A maioria participa de mais de dois grupos relacionados a linguagens artístico/culturais diversas:

Tabela 11 – Tipos de grupos nos quais jovens que responderam o questionário participam.

Linguagem cultural do grupo ⁸⁶	Número de jovens
Hip hop	14
Capoeira	7
Dança afro	9
Percussão	5
Teatro	8
Comunicação/mídia	10
Pichação	2
Skate	1
Outro (movimento estudantil, grupo religioso, esportivo etc) - samba e poesia, poesia, movimento juvenil, literatura e MTST.	8

Observando a Tabela 11, percebe-se uma maior concentração em grupos de *hip hop*, comunicação/mídia, seguidos por dança afro, teatro e capoeira. Antes de terem sido aplicados os questionários, já era possível identificar alguns jovens que participavam de outro grupo cultural além da Cooperifa, no entanto, na leitura dos dados recolhidos, este número de pessoas e de grupos se amplia consideravelmente:

Tabela 12 – Grupos dos quais participam jovens segundo observação direta e aplicação de questionário.

Jovens	Grupos identificados através da observação direta	Grupo identificados através da aplicação de questionário
Carlos	Grupo Versão Popular (rap)	Outro.??? (Rap)

⁸⁶ Nas opções, também havia grupos de funk, congado, rock e punk, no entanto, nenhum jovem declarou participar de um grupo que se expressa através destas linguagens.

D.L	Manicômicos (Teatro)	Teatro
Adélia	Espíritos de Zumbi (percussão e dança)	Capoeira; teatro.
D.A	Grupo Cult. Poder e Ver. (hip hop)	Hip hop
Cecília	Becos e Vieiras (comunicação/mídia)	Comunicação/mídia
F.B	Rap – CRJ (hip hop)	Dança afro; teatro.
Elisa	Banda de música	Dança afro; capoeira
J.C	Teatro	Teatro
Aloísio	Periafricana (rap)	Rap
Clarice	Espíritos de Zumbi (percussão e dança)	Capoeira
Lya	Espíritos de Zumbi (percussão e dança)	Capoeira; teatro.
Mário	Espíritos de Zumbi (percussão e dança)	Capoeira; teatro.
T.C	Vermelho.org (mídia)	Movimento juvenil
Vinícius	Grupo Versão Popular (rap)	Rap
A.R		<i>Hip Hop</i> ; capoeira; dançaafro; comunicação e mídia
Álvaro		Hip hop
B.A		Comunicação e mídia; outro.
B.B		<i>Hip hop</i> ; pichação; comunicação e mídia; teatro.
D.L		Hip hop
E.R		<i>Hip hop</i> ; capoeira; dança afro; percussão; teatro; comunicação e mídia; outro.
J.A		----
L.I		Comunicação e mídia; outro.
L.B		<i>Hip hop</i> ; pichação.
M. F.		MTST
R.A		----
Bernardo		Hip hop
Luiz		Hip hop
S.D		Dança afro; comunicação/mídia.

Esse envolvimento em vários grupos foi considerado nas etapas seguintes de coleta de dados na busca de entender como jovens se apropriam da cidade, de modo a identificar se são os grupos os facilitadores de uma maior (ou menor) circulação dos jovens pela cidade.

Além desse grande envolvimento em grupos, uma parte considerável de jovens, principalmente as meninas, diz já ter participado de algum processo de capacitação realizada em ONGs ou outras instituições.

Tabela 13 – Participação em experiências de capacitação oferecidas a jovens que responderam o questionário.

Processo de capacitação	Homens	Mulheres
Nunca participou	11	03
Já participou	3	08
Participa	3	1

Os cursos feitos, a maioria em ONGs, centros culturais, núcleos de universidade e igreja, resumem-se a: curso de dança, informática, teatro, moda, oficina de jornalismo, oficina de contação de história, curso pré vestibular e curso de “evangelismo”.

Pode-se notar que grande parte dos/as jovens que freqüentam a Cooperifa está inserida numa ampla rede social por vetores diversos: o trabalho, a escola, a religião e, em destaque, os grupos culturais. Todos/as participam de algum grupo cultural além da Cooperifa, embora nem todos/as trabalhem, estudem ou pratiquem alguma religião.

Os dados obtidos com o questionário aqui apresentados sinalizam que é preciso levar em conta, além da realidade onde estão inseridos/as, as especificidades das experiências vivenciadas por esses/as jovens em vários âmbitos. Como ocupam o seu tempo livre? Que tipo de envolvimento têm com as expressões culturais com as quais se envolveram? Estas experiências são, de alguma forma, estímulo à sociabilidade, à aprendizagem das regras e vivências coletivas, ou construtoras de identidades?

Uma série de pesquisas têm evidenciado o envolvimento de jovens em grupos marcados pelas mais diferentes expressões culturais. De acordo com o Mapa da Juventude, estima-se que, no município de São Paulo, 272 mil jovens participam de algum grupo juvenil. Creio que estes grupos assumem um papel significativo ou mesmo central em suas vidas. Suspeita-se que a adesão a um grupo pode gerar a ampliação dos circuitos e das redes de troca, pois o grupo torna-se produtor de sociabilidade e, além disso, pesquisas anteriores sugerem que podem possibilitar uma maior apropriação da cidade⁸⁷. As poesias e músicas que criam e, principalmente, os eventos

⁸⁷ Em pesquisa anterior, realizada com um grupo de capoeira, Magalhães (2004) constatou que “a inserção em um grupo cultural lhes possibilita, além do aperfeiçoamento da capoeira, um contato maior com os moradores do bairro, conhecer lugares e pessoas diferentes e conhecer melhor o próprio espaço e locais públicos da comunidade tomando-os, também, como espaços de participação política.” (p. 22). Por meio do envolvimento no grupo, “as barreiras territoriais não foram quebradas, mas vêm aos poucos sendo atenuadas.” (p. 27)

culturais que promovem e dos quais participam possivelmente atuam na produção de uma forma peculiar de apropriação da cidade.

No caso dos/as jovens da Cooperifa, estes/as encontram-se envolvidos/as numa série de outros grupos que se cruzam no espaço do bar e até grupos criados dentro do sarau.

No entanto, só através das entrevistas, foi possível conhecer a forma como se dá o envolvimento de alguns desses/as jovens com os grupos dos quais fazem parte. É um envolvimento, muitas vezes, bastante disperso. Somente com as entrevistas, fui capaz de identificar o grau de formalização dos grupos⁸⁸, a estabilidade desse envolvimento e em que medida essas experiências são construtoras ou potencializadoras de certa apropriação da cidade.

Através dos questionários, foi possível verificar a existência de situações comuns nas áreas de escolarização e acesso ao mercado de trabalho, por exemplo. A realidade na qual esses/as jovens vivem pode promover um determinado tipo de sociabilidade, modos de consumo e lazer. Em outras palavras, pode-se supor que condições de vida semelhantes dão origem a determinadas características culturais. No entanto, jovens da periferia, ao se integrarem a grupos culturais, podem exercer formas variadas de participação na sociedade.

Com o que o questionário explicitou, também devo considerar as formas associativas juvenis como constituídas por grupos de diferentes naturezas (religiosos, esportivos, delinqüentes...) Assim, os/as jovens participam de diferentes experiências de formação que os/as levam a uma determinada experiência urbana e nem sempre essas são coerentes, podendo até ser bastante conflitivas.

Desse modo, não descarto *a priori* outros espaços e outros significados que esses/as jovens podem encontrar na cidade, diferentes dos moldes mais valorizados pelos grupos militantes ou pelo poder público, mas, que podem ser relevantes para muitos/as deles/as.

Os dados apresentados também mostram a necessidade de considerar a particularidade das características das pessoas que integram o grupo estudado, já que vigoram várias experiências juvenis. Isto, antes de supor maior ou menor influência das várias esferas (família, trabalho, escola, grupos culturais, dentre outros) na apropriação da cidade por jovens.

⁸⁸ De acordo com o Mapa da Juventude, a maioria dos grupos pesquisados é composta de grupos abertos, de forma que, para fazer parte, basta ter alguma afinidade ou interesse.

2.6 A escolha de tipos de jovens

Fazendo um levantamento dos jovens pertencentes a grupos culturais presentes no sarau, observei que os/as jovens são muito mais dispersos nos grupos do que imaginava. Devido a isso, optei por fazer um redirecionamento na proposta metodológica adotada. Havia proposto, inicialmente, pesquisar jovens de uma mesma região da periferia de São Paulo, no entanto, não havia uma ligação direta dos grupos com seus respectivos bairros, mas, com a periferia como um todo. Assim, os /as jovens que foram entrevistados/as podem pertencer ou não à zona sul da cidade.

A partir da caracterização do/as jovens presentes na Cooperifa concluí que esta é um objeto especial para investigar as relações entre grupos juvenis e apropriação do espaço da cidade, pois: a) acolhe o público juvenil, b) grande parte desse público pertence a outros grupos culturais que se expressam por meio de linguagens diversas e c) é um grupo que deixa entrever traços de uma identidade construída de forma positiva em várias dimensões: racial, juvenil e, inclusive, de moradia. O fato de realizar a observação direta no sarau me levou a descortinar formas de sociabilidade e foi possível entrever determinadas formas de apropriação dos espaço urbano.

Após ter sido aplicado um questionário aos/às jovens que freqüentam a Cooperifa com certa regularidade, para identificar com mais precisão, dentre outros dados, grupos culturais dos quais fazem parte, e após traçar uma caracterização dos/as jovens, chegou o momento de entrevistar cada um/a. No entanto, como dito anteriormente, devido à multiplicidade de grupos aos quais pertencem vários daqueles/as jovens, foi preciso criar categorias, ou tipos, levando em conta: a) a origem do grupo e b) as modalidades de participação.

O conceito de tipologia que orientou esse arranjo dos jovens é bastante despretensioso. Apenas procurou reunir características distintivas que, possivelmente, explicitariam determinadas modalidades de apropriação da cidade sem, no entanto, ter a ambição de estabelecer padrões de conduta específicos. Assim, os/as jovens foram agrupados/as em quatro tipos:

Tipo 1 – Jovens que participavam de apenas um grupo, denominado de grupo multiespacial. São eles: Álvaro, Aloísio, e Cecília.

Álvaro, 23 anos, negro, morador do Artur Alvim, zona leste de São Paulo, participa desde os 20 anos do grupo *Reatra Hip Hop* e freqüenta a Cooperifa há mais de dois anos. Sua

escolaridade era de ensino médio e trabalha como vendedor em uma loja de informática no centro da cidade.

Aloísio, 28 anos, negro, é morador do bairro Pazzini, periferia de Taboão da Serra, grande São Paulo, participava desde o início do ano do *Denegri* e freqüentava a Cooperifa desde sua criação, há 6 anos. Sua escolaridade era de ensino médio e trabalhava na área de cenografia.

Cecília, 23 anos, negra, é moradora do bairro Jardim Noronha, periferia da zona sul de São Paulo. Envolveu-se com o movimento *hip hop* desde os 15 anos, participa, desde 2003, do *Becos e Vielas* e é freqüentadora da Cooperifa há mais de três anos. Fazia o curso de jornalismo em uma universidade particular e estava desempregada.

Álvaro⁸⁹ era integrante do grupo *Reatra Hip Hop*, um grupo de rap, formado por jovens negros moradores de Artur Alvim, Itaquaquecetuba, Brasilândia, Juscelino e Inácio Monteiro, bairros da periferia leste e norte de São Paulo. Nenhum daqueles jovens tinha formação superior. O grupo não mantinha uma rotina de ensaios, no entanto, pretendia lançar um CD. Já se apresentou em vários teatros de CEU (Centro Educacional Unificado), quermesses e região metropolitana.

Aloísio compunha o grupo de rap *Denegri*, formado, em 2007, por quatro jovens, três meninos e uma menina, que se conheceram no sarau da Cooperifa e em outros saraus freqüentavam. O grupo é de pessoas negras residentes da zona Sul (bairro Jabaquara), Taboão da Serra (bairro Pazzini) e Zona Leste.

Cecília era integrante do grupo de comunicação e mídia *Becos e Vielas*, formado a partir de uma oficina de jornalismo experimental na região do Jardim Ângela. Este grupo, composto por jovens moradores de vários bairros diversificados da periferia, produzia um jornal que era distribuído nas escolas da zona sul da cidade e também em outras regiões. Além do jornal, o grupo também fazia exibição de vídeos e documentários em sua sede (localizada no Jardim Ranieri) e em outros locais.

Os componentes dos grupos citados, em geral, moravam em bairros diferentes. Os grupos nasceram a partir do encontro destes/as jovens, por meio de eventos ou participando de algum

⁸⁹ No momento da entrevista, este jovem estava participando também das atividades de um grupo de percussão que já existia há cerca de cinco anos, formado por jovens moradores de Santo André, do centro de São Paulo, do Capão Redondo e outros locais da zona sul. O trabalho daquele grupo é baseado na cultura Mandingue, de povos da África. Formado por músicos, dançarinos e atores, tem como foco a manifestação e resgate da cultura africana. No entanto, o jovem ainda não fazia parte da estrutura do grupo e, segundo o próprio jovem, ainda não era um integrante.

projeto. Assim, seus/suas integrantes eram provenientes de lugares diferentes, não tendo uma relação direta com o bairro de origem de cada pessoa:

É eu fiz essa música, que tem participação do Gaspar, do Záfrika Brasil e do Hidson né, Dugueto NE, que tocava na família Clan nordestina. Aí que aconteceu, através dessa música aí, Malês né, tocava uma última parte, que era falando sobre os muçulmanos, né, e como o Hidson, ele era já da religião, assim, que é, né, do islã [...] Aí, chamou ele. Aí, beleza. Aí, a parte dele já começou. Só que eu não tinha tanta intimidade com ele assim, mas, num era tão próximo assim. Aí, através dessa música, foi onde que firmou, assim, mais a nossa amizade assim. Aí, depois, com o tempo, né, que foi vivendo e tal, trocando umas idéia e tal, a gente tocava junto, tendo mais coletividade. [...] O Hidson tinha saído do grupo e eu tinha saído do Periafricana e ele falou assim: “meu, porque que a gente num faz o grupo, entendeu?” [...] Aí chamou o James que é um mano que já fazia um solo sozinho, toca violão. Da Leste. Aí começou eu, o Hidson que é o Dugueto, aí, depois, chegou o James, né, to resumindo a história, aí depois chamamo a Dena que é a menina que faz o back vocal né.[...] Dugueto eu conheci na Cooperifa, assim, né. *E os outros também?* No sarau da vida. O James, a primeira vez que eu vi ele, foi na Ação Educativa, né. Foi lá, fez uma participação, tocou umas três, quatro música. E a Dena, conheci através do James. Eu e o Dugueto conhecemos através do James, a Dena. (Aloísio – Periafricana)

Tipo 2: Jovens que participavam de apenas um grupo, denominado de grupo local. Este grupo era composto por Carlos, Vinícius e Clarice.

Carlos, 28 anos, negro, é morador do Jardim São Luiz, periferia da zona sul de São Paulo, integrava o *Versão Popular* desde seu surgimento, em 1998, e era freqüentador da Cooperifa havia mais de três anos. Sua escolaridade era de nível médio em escola pública e estava desempregado.

Vinícius, 21 anos, negro, era morador do Jardim São Luiz/Letícia, periferia da zona sul de São Paulo, integrava o *Versão Popular* desde 2002 e freqüentava a Cooperifa havia mais de dois anos. Sua escolaridade era de ensino médio em escola pública e estava desempregado.

Clarice, 25 anos, negra, era moradora de Piraporinha, periferia da zona sul de São Paulo, era integrante do *Umojá* desde sua formação, no início de 2007. Formou-se em ciências sociais, em universidade pública e estava desempregada. Clarice era freqüentadora do sarau da Cooperifa havia mais de dois anos.

Os jovens Vinícius e Carlos eram integrantes do *Versão Popular*, um grupo de rap composto por cinco jovens vizinhos, quatro meninos e uma menina, todos negros que moravam no Jardim São Luiz. O grupo, formado em 1998, anteriormente com o nome Sepulcro Criminal, não tinha uma regularidade de ensaios, mas pretendia lançar um CD em breve. Já fizeram várias

apresentações em escolas, ONGs, centros culturais, praças públicas da zona sul da cidade e na região central, em eventos de grande porte como Virada Cultural.

Clarice integrava o *Umojá*, um grupo de cultura popular brasileira dissidente do grupo Espíritos de Zumbi, que trabalha com as linguagens da dança, teatro e música. O grupo surgiu da vontade de alguns jovens deste grupo anterior de realizar um trabalho mais profissional, com intenção de se expandir e ganhar espaço no cenário artístico já que eles acreditavam que naquele grupo isso não aconteceria. Devido a esse desajuste interno, em fevereiro de 2007 alguns jovens saíram do *Espíritos de Zumbi* e criaram o *Umojá*, que também pretende desenvolver um trabalho de base na comunidade, com cursos e oficinas. O grupo todo se encontrava no Jardim Ibirapuera, nas terças-feiras e uma vez por semana, ocorria o ensaio da parte musical.

Compunham este grupo jovens a partir de 21 anos todos negros e moradores/as da periferia (Jardim Ângela e Jardim São Luiz). A maioria tinha formação superior na área artística, as demais pessoas eram autodidatas, tendo uma formação de alguns anos de prática.

O grupo *Espíritos de Zumbi* surgiu dentro da Casa de Cultura do M'boi Mirim⁹⁰, equipamento público da prefeitura de São Paulo. Na casa, eram oferecidas aulas de capoeira, dança, teatro e percussão para adolescentes e jovens, sendo que, a partir das aulas constituiu-se, inicialmente, um grupo de capoeira e, sem seguida, transformou-se em um grupo de música e dança, que se apresentava em vários lugares da cidade havia cerca de quinze anos. O grupo trabalhava com questões da cultura afro brasileira.

Os grupos se formaram a partir de relações de vizinhança estabelecidas no bairro onde moravam jovens que passaram a integrá-los.

O Carlos morava aqui no mesmo bloco que eu morava, que eu moro, ele morava um andar abaixo. O Leo morava no bloco do lado no último andar e uma outra menina que era de outro prédio, era do grupo. Aí, com o tempo, foi tendo adaptações, foi se adaptando (Carlos – Versão Popular)

Tipo 3: Jovens que participavam de dois ou mais grupos. Foram denominados de multiparticipantes. São eles: Mário, Adélia e Lya.

Adélia, 25 anos, negra, era moradora do bairro Interlagos, zona sul de São Paulo, envolveu-se com grupos de dança desde os 15 anos e participava de 3 grupos culturais, a saber: Umojá, Abieié e Nipe de Percussão. Também era frequentadora da Cooperifa havia mais de três

anos. Formou-se em comunicação das artes do corpo em universidade particular e trabalhava com oficinas de danças.

Lya, 23 anos, negra, era moradora da Vila Café, periferia da zona sul de São Paulo, envolveu-se com grupos de dança e teatro desde 14 anos e participava de 3 grupos culturais: Umojá, Abieié, Nipe de Percussão. Estava se apresentando em uma peça com o grupo Teatro Cru. Havia mais de dois anos, freqüentava à Cooperifa, mas, estava afastada deste grupo devido à incompatibilidade de horário. Fazia curso de comunicação das artes do corpo, com habilitação em dança, em Universidade particular e trabalhava com oficinas de danças.

Mário, 23 anos, negro, era morador do Chácara Santana, periferia da zona sul de São Paulo. Envolveu-se com grupos de dança desde 2002, no grupo espíritos de Zumbi e integrava o *Umojá*, *Abieié* e freqüentava à Cooperifa havia mais de três anos. Sua escolaridade era de ensino médio e trabalhava com oficinas de danças em escolas públicas.

Adélia, Mário e Lya integravam os grupos *Abieié* e *Umojá*. O *Abieié* é um grupo de dança contemporânea, sediado na Vila Madalena, que desenvolve um trabalho de experimentação e criação baseado em uma das matrizes formadoras da cultura brasileira, a africana. O grupo surgiu no início de 2006 e tem como objetivo a expressão artística, valorizando a cultura negra. Os/as integrantes se reúnem três vezes por semana e, em 2006, contava com o apoio do Programa de Ação Cultural – PAC. Faziam parte do grupo jovens, em sua maioria negros/as, moradores/as da periferia já com alguma experiência nas áreas de dança, música ou teatro.

Além disso, Adélia e Lya eram integrantes do *Nipe de Percussão*, um grupo de música e dança formado havia cerca de três anos, em Embu município da Grande São Paulo. Os ensaios do grupo ocorriam duas vezes por semana. Integravam o grupo pessoas jovens e adultas da periferia, algumas delas formados em música ou dança e outras têm uma atuação prática de alguns anos.

Além destes três grupos, Adélia ainda fazia parte do *Teatro Cru*, um grupo que surgiu a partir de uma montagem feita por estudantes do curso de artes do corpo da PUC de São Paulo. Os ensaios do grupo ocorriam de segunda-feira a sexta-feira.

Ao longo da vida, estes/as jovens foram se envolvendo em grupos culturais de modo que, chegaram a uma participação em grupos tomava quase todo o seu tempo.

⁹⁰ De acordo com uma das jovens entrevistadas, a casa de cultura foi construída a partir de um movimento dos próprios moradores e, posteriormente, a estrutura do imóvel foi incorporada pelo poder público.

O *Abieê* eu ensaio de segunda, quinta e terça das sete. Quinta eu faço aula das seis e meia, das seis e meia às oito e depois ensaio; e sábado também eu tenho que fazer aula das cinco às sete. O Nipe da Percussão eu ensaio domingo e quarta e o *Umojá* terça-feira e, de vez em quando tem ensaio, ensaios à tarde combinados, mas, os horários fixos são esses [...]. O Teatro Cru, eu tava ensaiando de segunda e sexta à tarde [...]. (Lya)

Tipo 4: Jovens cooperiféricos, que participavam somente da Cooperifa. Esse grupo era composto por Luiz, Bernardo e Elisa.

Luiz, 30 anos, declarado miscigenado, era morador do Jardim São Luiz, periferia da zona sul de São Paulo, fazia parte da Cooperifa desde 2005. Sua escolaridade era de ensino médio em escola pública e trabalhava como autônomo no ramo de transporte.

Bernardo, 27 anos, declarado pardo, era morador do Heliópolis, zona sul de São Paulo, fazia parte da Cooperifa desde 2005. Sua escolaridade era de ensino médio em escola pública e trabalhava como auxiliar administrativo em uma empresa de advocacia.

Elisa, 19 anos, negra, era moradora do Jardim São Luiz/Monte Azul, zona sul de São Paulo, freqüentava à Cooperifa havia pouco mais de um ano. Sua escolaridade era de ensino médio e trabalhava como autônoma na área de estilismo e moda.

Estes três jovens, podem ter anteriormente integrado grupos, mas, quando houve as entrevistas, não participavam de nenhum outro grupo cultural, apenas da Cooperifa. Eram bastante freqüentes ao sarau, às quartas-feiras, no entanto, apenas Bernardo e Luiz participavam ativamente da Cooperifa, envolviam-se em eventos fora do bar e integravam a organização dos saraus.